

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E TERRITORIALIDADES

IONARA SILVA DE OLVEIRA

VOZES MULHERES: CLUBES DE LEITURA E GRUPOS DE ESTUDOS
FEMININOS, COMO TERRITÓRIOS DE AQUILOMBAMENTO E DE
DEMOCRATIZAÇÃO DE SABERES – LITERALMENTE ELAS E AFLUENTES

UNIVERSIDADE
FEDERAL
FLUMINENSE

Niterói

2023

IONARA SILVA DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Cultura e Territorialidades.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Rôssi Alves.

NITERÓI

2023

Ficha catalográfica

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof^a Dra. Rôssi Alves (PPCULT - UFF)

Prof^a Dra. Marina Frydberg (PPCULT - UFF)

Prof^a Dra. Miriane da Costa Peregrino (PPG-CL-UFRJ)

Niterói

2023

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui é parte um percurso difícil, por várias questões.

A retomada ao meio acadêmico, depois de muitos anos de afastamento, se, por um lado, fez parte de um desejo, por outro, em muitos momentos gerou insegurança. Uma das explicações possíveis é acreditar que ocupar o lugar de intelectual, para algumas de nós mulheres, é um desafio.

Cheguei e não cheguei sozinha. Trago em mim uma coletividade simbolizada pelo apoio, afeto e acolhimento de uma rede composta pela minha família e companheiro Júlio César X. de Oliveira, amigos, amigas e minhas parceiras e interlocutoras do Literalmente Elas, em especial, assim como as dos demais grupos pesquisados, a quem carinhosamente e por conexão denominamos de afluentes.

Agradeço à minha turma linda, por caminharmos de mãos dadas, aos meus professores do Programa, generosos e acolhedores, dos quais destaco a minha orientadora, professora Rôssi Alves, o professor Marildo Nercolini, que me recebeu no estágio docente, com confiança, afeto e liberdade para interagir, o que me motivou e corroborou com uma das minhas poucas certezas, a de que a sala de aula é um dos meus lugares favoritos, a despeito de todas as suas complexidades e demandas.

Agradeço também às professoras Ana Paula Alves Ribeiro e Ohana Boy, por terem feito parte da banca de qualificação, contribuindo com orientações e sugestões preciosas, aos professores e à coordenação, pelo acolhimento na reta final, no momento delicado da perda do meu pai.

Agradeço às professoras da banca de defesa, Marina Frydberg e Miriane Peregrino, por aceitarem o convite num momento em que os desgastes físico e emocional são ativados, pelo fim do semestre letivo.

Em relação a professores, que fazem parte da minha trajetória, afirmo a importância das oficinas de escrita que venho fazendo, de 2017 até os dias de hoje. Oficinas que, com as suas peculiaridades, contribuíram e contribuem para o meu crescimento humano, ainda que não vinculadas à escrita acadêmica, mas que me trouxeram a leitura e a literatura de autoras, que trago em meu repertório e que levarei para a vida, bem como as lembranças de nossas aulas, em minha memória afetiva. São elas as escritoras, poetisas, pesquisadoras, artistas, que partilham saberes acadêmicos, não acadêmicos e ancestrais: Kátia Costa Santos, Carolina Rocha (Dandara Suburbana), Cristiane Cerdeira, Marina Almeida e Ryane Leão. Com elas experimentei e vivenciei, em cursos e oficinas presenciais e online, momentos que não cabem no Lattes.

Agradeço às minhas amigas, amigos, em especial aos que me apoiaram mais de perto, como a minha prima Maria Carolina de Oliveira, os meus amigos Aleksandra Carvalho e Elbert Agostinho (integrantes do Observatório Carioca de HQ's, cujas parcerias são destacadas no último capítulo do trabalho). Agradeço também aos companheiros da “Coletânea Memórias e Práticas Pedagógicas Antirracista: desafios,

possibilidades e avanços”, pela oportunidade de ter transformado meu projeto, em parceria com o Observatório, em artigo com publicação no livro.

Agradeço às queridas Ingrid Moura (minha terapeuta) e Priscila da Silva, pela importância que têm em minha vida.

Por fim e, não menos importante, agradeço, por ser neta, filha, sobrinha, afilhada, irmã, prima e tia de pessoas que me amaram e amam, que me contaram histórias, que me presentearam com livros e que me apoiaram, em todos os passos que dei, para que até aqui pudesse chegar. “Nossos passos vêm de longe” e só por vocês eu os pude e posso dar...

Universidade Federal Fluminense

Programa de Pós-graduação em Cultura e Territorialidades

**VOZES MULHERES: CLUBES DE LEITURA E GRUPOS DE ESTUDOS
COMO TERRITÓRIOS DE AQUILOMBAMENTO E DE DEMOCRATIZAÇÃO
DE SABERES – LITERALMENTE ELAS E SEUS AFLUENTES**

Ionara Silva de Oliveira¹

RESUMO

A pesquisa aborda o Clube de Leitura Literalmente Elas e sua relação com outros coletivos, formados a partir dele: o Clube de Leitura Ocaia e os grupos de estudos "Aprendendo a Transgredir", Estudos Coletivos e Corpos Femininos-Corpus Literários. A ideia é entender esses grupos como espaços de partilhas, democratização de saberes e também como territórios de aquilombamento. As relações entre a pesquisa e os grupos vão se constituindo a partir de diálogos teóricos com intelectuais que reivindicam o protagonismo feminino na produção de narrativas e que questionam o lugar hegemônico imposto como universal, o que não dá conta da pluralidade e diversidade de vozes e corpos, que constituem a nossa formação enquanto sociedade. Levar a literatura de mulheres, em especial negras e indígenas, a outras mulheres e incentivá-las a produzir a partir de suas próprias narrativas - escrituras - são pilares que sustentam a dinâmica desses coletivos e que contribuem para que sejam vistos, sentidos e vividos como espaços onde existência, resistência e produção de conhecimento ecoam em outros espaços e áreas de atuação. Dialogar com intelectuais que pensam sobre o direito à literatura, sobre os Valores afro-civilizatórios e sobre o corpo e a poesia, também são propostas presentes.

Palavras-chave: Clube de Leitura; Literatura de mulheres negras; Escrita; Aquilombamento; Territorialidades e Interseccionalidades.

¹ Matrícula: M089.121.009 | E-mail: ioliveira@id.uff.br.

ABSTRAT

This article tackles the reading club "Literalmente Elas" (Literally Them') and its relationship with other groups formed because of it: Ocaia Reading Club and the study groups "Aprendendo a Transgredir" ('Learning to Transgress') and Collective Studies, "Corpos/corpus feminino" ('Female Body/corpus'). The idea is understanding these groups as spaces to share, democratize knowledge and territories that allow for a safe communal space as well, referred to as "aquilombamento". The dynamics between said groups and this research form themselves from theoretic dialogues with intellectuals who reclaim female protagonism when building narratives, which questions the hegemonic spot imposed as universal, that can't suppress the plurality and diversity of voices and bodies, which constitutes our formation as a society.

Bringing women literature, specially black and indigenous, to other women and encouraging them to produce from their own narratives - "escrevivências" (writing plus experiencing) - are pillars holding these collectives' dynamics and contributes in them being seen, felt and lived as places where existing, resisting and knowledge production echoes in other spaces and areas of influence.

Keywords: books clubs; escrevivência; representativeness; aquilombamento; territorialities; intersectionalities.

Vozes-mulheres

*A voz de minha bisavó ecoou
criança nos porões do navio.*

*Ecoou lamentos
de uma infância perdida.*

*A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.*

*A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela*

*A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.*

*A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.*

*A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.*

O ontem – o hoje – o agora.

*Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância,
o eco da vida-liberdade.*

- Conceição Evaristo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1. A origem dos clubes femininos de leitura	17
1.1 Clubes de Leitura no Brasil: Leia Mulheres	17
1.2 Literalmente Elas: um rio e seus afluentes; espaços de afeto e nutrição	23
1.3 Metodologia do Coletivo	26
CAPÍTULO 2. Clubes de Leituras e grupos de estudos como possíveis territórios de aquilombamento	27
2.1 Minha inserção no Literalmente Elas	27
2.2 Atividades realizadas e parcerias	32
2.3 Tempo de aquilombar: como clubes de leitura e grupos de estudos podem se constituir em territórios femininos de aquilombamento	33
2.4 Os afluentes.....	33
2.4.1 Ocaia: mulheres que leem autoras negras brasileiras.....	34
2.4.2 Aprendendo a transgredir: mulheres que leem bell hooks	40
2.4.3 Estudos coletivos e Corpos femininos, corpus literários. Diálogos e conexões.....	46
2.5 Os afluentes navegando entre versos e prosas: Coletânea Literalmente Elas.....	49
CAPÍTULO 3. Vozes mulheres: tecendo diálogos e circulando saberes. Relatos de experiências político-poético-pedagógicas, com as autoras Conceição Evaristo, Lélia Gonzales e Carolina Maria de Jesus	75
3.1 Estágio docente – um mergulho na biografia e obras de Carolina de Jesus: estereótipos da mulher negra e preconceito linguístico	85
3.2 Carolina(s): um mundo de papéis: um projeto interdisciplinar. Uma parceria com o Observatório Carioca de História em Quadrinhos	89
3.3 “Carolina, nós vamos colocar você em nosso livro...”	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	104

INTRODUÇÃO

Sempre fui uma apaixonada por palavras. Uma paixão que antecede o meu processo de alfabetização.

Nas ruas da cidade, quando atravessava de ônibus a Avenida Brasil, com a minha mãe, ficava curiosíssima com os outdoors que via e com suas palavras e imagens que não conseguia captar de todo, mas que me deixavam ávida por lhes atribuir algum sentido.

Assim também era com as faixas, com os nomes dos estabelecimentos, placas das estradas, bem como nas histórias contadas por minha avó e tios. Já alfabetizada, pela minha mãe, antes de entrar na escola, o sentimento de entender o sentido das palavras, nos livros infantis e posteriormente nas revistas, jornais, palavras cruzadas (que aprendi a fazer com a minha tia mais velha) e outros livros, resultou na leitora ávida e curiosa que me tornei. Um sentimento que me acompanha até hoje e que, associado ao amor pelas artes, me conduziu de uma maneira muito orgânica ao mundo das LETRAS.

Sempre quis ser professora e nem o curso Técnico de Secretariado, no Ensino Médio, desviou-me da profissão. E como disse a grandiosa Conceição Evaristo², uma das inspirações da minha pesquisa, “ninguém chora lendo o dicionário”³, ainda que carregando de um lado um e, do outro, a Gramática, (instrumentos imprescindíveis para uma professora de línguas, no meu caso, a portuguesa) foi a Literatura, com todos os diálogos e emoções que é capaz de despertar, que me capturou de vez.

Praticando Sankofa⁴ e olhando para a minha trajetória profissional, até a minha jornada para a realização do mestrado, percebo que assim como as narrativas dos livros são feitas de tessituras, tramas e enredos, não há como desvincular-me das noções de pertencimento e de coletividade.

² Numa das mesas de encerramento da Festa Literária de Paraty (FLIP) e que fez a plateia rir.

³ Do texto: “Ninguém chora lendo o dicionário”

⁴ O conceito de Sankofa (Sanko = voltar; fa = buscar, trazer) origina-se de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan da África. Em Akan “se wo were fi na wosan kofa a yenki” que pode ser traduzido por “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”. Como um símbolo Adinkra, Sankofa pode ser representado como um pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro. Os Ashantes de Gana usam os símbolos Adinkra para representar provérbios ou ideias filosóficas. Sankofa ensinaria a possibilidade de voltar atrás, às nossas raízes, para poder realizar nosso potencial para avançar. Sankofa é, assim, uma realização do eu, individual e coletivo. (NEABI/FIOCRUZ, 2018)

Desde a escolha da minha profissão, até o entender-me como pesquisadora e retornar à vida acadêmica, tudo está entrelaçado.

A graduação em Letras, a primeira especialização em Literatura Infanto-juvenil, já no primeiro ano de formada, a segunda pós-graduação, em Literatura Brasileira, anos depois; assim como o Curso de Extensão no PENESB (UFF) em relação étnico-raciais, tudo corroborou para a minha formação contínua e também para que “lacunas” deixadas por uma graduação e especializações muito pautadas, até então, numa visão eurocêntrica, pudessem de alguma forma ser preenchidas.

Nesse contexto, os cursos livres e as oficinas de escrita criativa, bem como o posterior engajamento em clubes de leitura e grupos de estudos, foram e ainda são determinantes, não só para a minha formação, mas para a minha atuação em outras áreas e funções, como: mediação de leitura; professora convidada para aulas e palestras, fora do contexto da sala de aula convencional, e até mesmo para o incentivo ao exercício de uma escrita poética, desde a postagem de textos autorais, nas redes sociais, até a minha participação na primeira coletânea do Coletivo Literalmente Elas, grupo de leitura do qual sou integrante e principal inspiração para a minha pesquisa.

Em relação aos cursos e oficinas de Escrita Criativa, ressalto a importância de duas vezes de extrema relevância que fizeram parte do meu caminho. Em 2017 e 2018, na Casa das Pretas (Centro do Rio), foram dois módulos do Minicurso “Mulheres Negras e Escrita: Reflexão e Produção Textual na Diáspora: Escrita Criativa. Escrita Acadêmica; Ativismo e Escrita; Escrita e Identidade; Ser e Escrever, cujos objetivos principais eram: refletir sobre o lugar da escrita para as mulheres negras e, no processo, nos incentivar a apresentar nossas próprias produções textuais, ao longo dos encontros e debates, com a professora, escritora e pós-doutora em Estudos Culturais, Kátia Costa Santos, que nos trouxe como referências bibliográficas intelectuais afro-americanas e outras escritoras negras estrangeiras.

Para completar a bibliografia, nós éramos estimuladas a levarmos o pensamento de intelectuais negras brasileiras, com as quais pudéssemos estabelecer uma relação e enriquecer as discussões e, conseqüentemente, os encontros.

No segundo módulo do curso, a ênfase foi dada às nossas produções textuais combinadas a outros trechos para reflexão e inspiração.

Assim, tive contato com textos de intelectuais como: bell hooks, Audre Lorde, Toni Morrison e outras.

Em todos os encontros havia também diálogos propostos com outras linguagens artísticas, que não apenas a Literatura ou textos teóricos, como filmes, obras de arte, fotografia, oficinas de bonecas abayomi etc.

Ressalto um encontro, no encerramento de um dos módulos, que contou com a participação da escritora e jornalista Eliane Alves Cruz, que nos presenteou com seu livro, *Água de Barrela*, autografado. Naquele dia, ela nos contou sobre o processo de escrita do livro, bem como a relação dele com sua história familiar. O que hoje, a partir das minhas leituras e pesquisas, percebo que se configura com o que a, também escritora, Conceição Evaristo chama de *Escrevivência*.

Lembro-me de um e-mail, que nos foi repassado pela professora, com um lindo relato da Eliane Alves Cruz sobre a sua participação em nosso encontro. No final, ela dizia: “Gritem, chorem, riam, orem, mas escrevam! Beijos, muita luz em seus caminhos.”

Do curso aos dias de hoje, a minha sensação é a de que sou atravessada pela existência e pelas vozes de todas essas intelectuais negras às quais tive e tenho acesso.

Ressalto o uso da palavra “intelectuais” num sentido mais amplo, como nos ensina bell hooks, no ensaio *Intelectuais Negras*, no qual ela diz que “nem todo mundo que frequenta uma universidade é intelectual, assim como há intelectuais fora da universidade.”

Outro encontro importantíssimo para a minha trajetória e para reacender não só a vontade de cursar o mestrado, mas de fazer da escrita algo incorporado à rotina, foi com a escrita terapêutica e poética da professora, escritora e doutora Carolina Rocha (Dandara Suburbana) com quem, de 2019 aos dias atuais, tenho participado de oficinas e cursos, além de participar de um grupo, no whatsapp, formado só por mulheres que participaram de encontros promovidos por ela, desde o início de suas atividades voltadas predominantemente para mulheres. Vivências que atravessam nossos corpos e existências e que nos ajudam a nos libertar de amarras, que sequer pensávamos estar sujeitas e que nos travam na liberdade de ser, de escrever e de fazer nossas vozes e vidas ecoarem, individual e coletivamente.

Seguindo o caminho da circularidade* dos saberes, em 2019, a professora do Colégio Pedro II e também integrante do grupo da escrita, Cristiane Cerdeira, divulga um curso onde ela, além de coordenar, atuaria como professora: o “Lendo Mulheres”, cuja proposta principal era partilhar a literatura e parte da biografia de autoras de tempos e lugares distintos. Um “apanhado” histórico, com o recorte de gênero, para que pudéssemos nos aproximar de autoras cujas obras e, até mesmo as existências, em alguns casos como o das escritoras negras, foram invisibilizadas ou não tiveram a devida importância reconhecida. Entender a interseccionalidade como um dos pontos específicos, quando se estuda a produção intelectual e literária de mulheres, é crucial para o debate e para o desejo de mudanças de paradigmas, que suscita.

Assim, imersa e embevecida com os cursos, oficinas, encontros com autoras e “descobertas” de outras que, após ganhar num desses eventos, em 2019, o livro autografado “Vozes insurgentes de mulheres negras”, da escritora Bianca Santana, cuja dedicatória dizia: “Nossa escrita insurgente cria mundos possíveis para todas e todos. Axé!”, decidi fazer um projeto voltado a escolas, chamado “Lendo Mulheres Negras”, no qual eu trabalharia com algumas das “vozes insurgentes” apresentadas no referido livro, com uma proposta de roda de conversa, dinâmicas poéticas, exposição de livros e algo como um “Café Literário”, que pudessem despertar o desejo dos estudantes em conhecer melhor não só as autoras apresentadas, mas outras escritoras negras. Um projeto-político-pedagógico, que desejei apresentar para além dos muros da minha própria escola. Naquele momento, ainda não tinha a ideia de que já estava trabalhando e já trabalhava, há muito tempo, ainda que intuitivamente, com alguns dos conceitos principais embutidos nos valores civilizatórios, tão preciosa e cuidadosamente disseminados pela professora Azoilda Loretto da Trindade. Sobre o projeto, fiz um artigo apresentado como avaliação, no PPCult, e que posteriormente foi inserido no terceiro capítulo.

Apaixonada por leitura e literatura e voltada a estudá-las a partir das perspectivas de gênero e raça, assim que comecei a participar de clubes de leitura e grupos de estudos com essas temáticas, retomei o desejo de cursar o mestrado (adiado, por vários motivos), com o propósito de que a minha pesquisa dialogasse com essas questões que, de alguma maneira, já vivenciava.

Tendo como uma das principais inspirações, a autora, intelectual e professora Conceição Evaristo, com “Vozes Mulheres: clubes de leitura e grupos de estudos como

territórios de aquilombamento feminino e democratização de saberes – Literalmente Elas e afluentes, pretendo desenvolver os três capítulos, da seguinte forma:

No primeiro, apresentar um breve histórico sobre coletivos formados por mulheres, no Brasil; pensar na ideia de territórios para além do espaço físico, visto que a maior parte dos grupos que apresentarei, exceto o Literalmente Elas, foi criada e se mantém no espaço virtual; trazer um exemplo de projeto de de leitura de autorias femininas, criado por mulheres, que abrange vários municípios do país, o “Leia Mulheres”, suas especificidades. Apresentar o coletivo Literalmente Elas, bem como o bairro de Campo Grande (Rio de Janeiro), que é a sua região de origem e propor um diálogo com autoras e autores, que tratam dos conceitos que fazem parte de toda a pesquisa, de sua concepção ao desenvolvimento: Escrivência, Aquilombamento, Valores Civilizatórios e Interseccionalidades.

No segundo, trazer os grupos protagonistas e interlocutores da pesquisa, suas origens, propostas, dinâmicas, diálogos, interações e conexões e evidenciar o clube de leitura Literalmente Elas como um rio, que tem como afluentes: o Ocaia (mulheres que leem autoras brasileiras negras, em diferentes gêneros literários e categorias); o “Aprendendo a transgredir” (mulheres que leem e estudam o pensamento da intelectual bell hooks); Estudos Coletivos e Corpos femininos-Corpus literários (grupo de estudos e de extensão, que propõem diálogos e conexões entre a literatura (ficcional e teórica, de mulheres) e outras formas de artes e ações.

No terceiro e último capítulo, a proposta é evidenciar a circularidade de saberes, entendendo-a como parte da democratização da leitura e da literatura, como um direito a ser defendido, a partir de ações dentro e fora dos espaços dos grupos pesquisados e que com eles estabelecem uma conexão e possíveis construções que possam inspirar e corroborar com as ideias defendidas ao longo da pesquisa.

Para tal, escolho trabalhar com as literaturas de três autoras negras, que já foram lidas e estudadas, em mais de um dos grupos com os quais estabeleço interlocução e dos quais faço parte, assim como nas oficinas de escrita, que cursei e, posteriormente em algumas das disciplinas do mestrado. Autoras que me inspiram, como mulher negra, professora, pesquisadora, aprendiz de poeta e ser humano. Mulheres “insurgentes”, por essência, e gigantes por suas naturezas e existências. Escrevintes, cada uma ao seu modo, tempo e existência, unidas pela negritude, gênero, afinidades outras e

Escrevivências, bem antes de o termo ser alcunhado: Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzáles e Conceição Evaristo. As três, teórica e/ou literariamente, fazem parte das atividades por mim desenvolvidas, individualmente ou em parceria, em diferentes territórios e sobre as quais apresento relatos.

CAPÍTULO 1. A Origem Dos Clubes Femininos de Leitura

Houve um tempo, em que mulheres não tinham acesso à leitura...

Houve um tempo, em que apenas algumas mulheres tinham acesso a um específico gênero de literatura...

Houve um tempo, em que uma jornalista americana, depois de ser impedida de entrar num clube de leitura, “só” por uma questão de gênero, resolveu criar um exclusivamente para mulheres...

Houve um tempo em que, mesmo alfabetizadas, mulheres negras não poderiam, em hipótese alguma, sonhar com a publicação de suas narrativas, visto que a condição de intelectual lhes era negada.

Houve um tempo, em que mulheres orientais, mesmo com acesso às universidades, não poderiam ler os clássicos do Ocidente...

Esses tempos sempre foram conduzidos e ditados por homens brancos que, ainda hoje, no Brasil, representam a maioria dos autores que publica.

Em contrapartida, há um tempo, nos reunimos em clubes de leitura e grupos de estudos organizados e compostos só por mulheres, que leem mulheres.

E ousamos também escrever e publicar.

Não inventamos a “roda”, mas certamente somos, ao longo da História, quem a fazemos girar, graças a todas as que vieram antes!

Um salve às “insurgentes e transgressoras”, que nos trouxeram até aqui e nos inspiram à criação de espaços de nutrição e de afetos, através das palavras!

Leitura e Literatura são direitos!

Ionara Oliveira

1.1 Clubes de Leitura no Brasil: Leia Mulheres

“Mediar um clube de leitura é também uma arte, capaz de pequenas revoluções que nos devolvem uma cota de humanidade, ampliando laços e sentidos sociais...”

(A Escrevideira, 30-10-23, no Instagram)

E muitas mulheres vêm proporcionando dessas “pequenas revoluções”, pelas cinco regiões do país.

Como exemplo, trago o projeto Leia Mulheres, considerado o maior clube de leitura, sem fins lucrativos, no país. O clube abrange todas as unidades federativas (161 municípios) e no exterior.

O projeto tem como normas, organizar os clubes com a mediação de um ou mais mulheres, em leituras de obras de autoria feminina, porém a abertura dos encontros presenciais é para o público em geral.

Com uma abrangência tão ampla, para a comunicação cotidiana o “Leia Mulheres” possui um grupo no Facebook, uma página no Instagram e algumas de suas participantes escrevem resenhas no website do Coletivo (LGUNROTH, 2020).

Ainda dentro dessa perspectiva, é importante pensar na divergência entre as realidades dos municípios, que contam com o projeto. Muitos carecem de espaços de fomento à leitura. Para tal é preciso pensar em outras formas de acesso ao livro e à diversidade de leituras. Há que se avaliar os contextos geográficos, territoriais, sociais, econômicos etc.

Segundo a pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”, que mede o comportamento dos leitores em âmbito nacional, as mulheres são apontadas como mais leitoras, que os homens. E Michele Petit (2010) evidencia que as mulheres têm uma participação majoritária na formação de leitores, o que pode ser perceptível em suas funções de “mãe”, quem ocupa o lugar de marternar. E professores. Duas presenças marcantes e simbólicas no letramento literário das crianças e, como sabemos, refletem o “lugar” da mulher como cuidadora o que, com as devidas diferenças me fazem pensar nos papéis coloniais da mãe preta e da mucama, aos quais Lélia Gonzales estudava, em relação os estereótipos da mulher negra.

Independente dos contextos históricos e raciais, não ignorando o peso deste último, até hoje sentido em nossa sociedade, o papel do “cuidar” ainda é muito associado ao gênero feminino. Não à toa profissões historicamente relacionadas à figura feminina e aí, destaco o magistério único função que exercia profissionalmente, são as mais desvalorizadas.

Se pertencemos aos grupos dos que mais leem no país, e dos que proporcionam o letramento de outras pessoas, porque não ocuparmos o lugar de quem mais pública?

Narrativas femininas precisam ser contadas, precisam ser publicadas, precisam ser vendidas, precisam ser lidas, precisam ser reconhecidas! Precisam, precisam, precisam...

Por essas e outras questões, que abrem caminhos para várias pesquisas que clubes, quer com a abrangência do Leia Mulheres, ou com trabalhos “mais locais e, até mesmo os que têm existência, apenas no campo virtual, são de suma importância para a formação continuada de leitores e leitoras, para além de suas vivências no âmbito escolar, bem como para impulsionar a literatura produzida por mulheres.

E, para quem trabalha com questões raciais, compreender o abismo que é necessário transpor, a fim de que tenhamos uma sociedade mais justa, é fundamental para que a literatura de autoria negra ocupe também um lugar de destaque.

São muitas as frentes de batalha e esses espaços de leitura precisam estar atentos a fim de contribuir não só para a formação de leitores, mas como a “desconstrução” de alguns modelos que nos foram impostos sobre “o que é literatura”, e o “perfil do escritor”, o “perfil do leitor”, “quem merece ser publicado” e “como”

Nessa perspectiva e, desde o início, assumindo essa responsabilidade, o Literalmente Elas nasce como o fruto de um sonho individual, no maior bairro do Rio de Janeiro: Campo Grande.

1. Campo Grande, onde tudo começou...

O começo de uma história... Um breve resumo, de um território que traz a grandeza em seu nome.

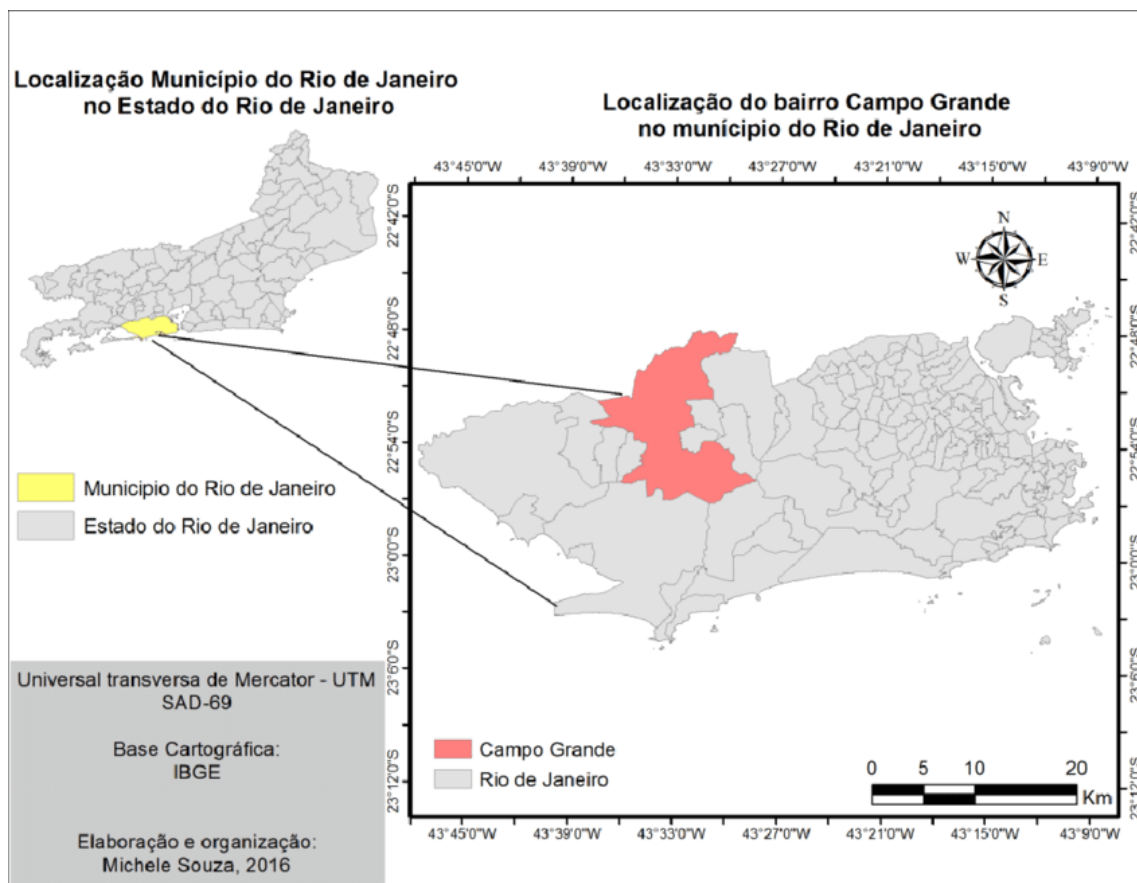
Campo Grande, localizado na zona oeste da cidade (figura 1), faz divisa com os bairros de Santa Cruz, Bangu, Guaratiba e outros. Parte da sua área é atravessada pelos leitos dos rios Gandu-Mirim e Campinho.

Historicamente, uma área rural formada por engenhos, sítios, fazendas e com a agricultura voltada para o plantio de laranja (o que lhe rendeu no passado o nome de Citrolândia), café e outros produtos.

O bairro sofreu transformações econômicas, demográficas e ambientais, a partir da década de 50, que remodelaram sua paisagem. Seu desenvolvimento urbano ocorreu

a partir do entorno da Igreja Nossa Senhora do Desterro, localizada no atual centro bairro.

Figura 1 – Localização do bairro de Campo Grande



Fonte: MARQUES, 2023.

Se, por um lado, os processos de urbanização e industrialização foram acelerados, por outro, as áreas arborizadas diminuíram, causando perdas à flora e à fauna. Seu crescimento se deu de forma heterogênea, partindo da existência das fazendas, passando por loteamentos e chegando à fase de especulação imobiliária, que levou à construção de grandes condomínios.

Ainda hoje, assistimos a reportagens nos telejornais, que denunciam o aumento dos impactos negativos ao Meio Ambiente, a remoção de moradores antigos e demolições de seus respectivos imóveis, a fim de darem espaço para construções, como

a do Anel Viário⁵, por exemplo, e a outras que refletem um crescimento urbano carregado de complexidades.

O bairro conta com espaços culturais, como associações, coletivos, lona cultural (teatro de arena), sebos, livrarias, em shoppings, e outras voltadas para temáticas religiosas, que se autodenominam como “evangélica” ou “cristã” e “espírita”, o que pode apontar para a possibilidade de outras pesquisas.

É do bairro também o Coletivo Z.O., um grande incentivador e parceiro do Literalmente Elas, em muitas atividades. Um coletivo formado por homens, que propõe uma parceria com mulheres, fortalecendo o movimento em garantir o direito à Literatura, a toda a comunidade interessada, independente de gênero.

1. Um breve histórico sobre coletivos de mulheres

“Vozes mulheres”, uma referência explícita ao poema da escritora e professora Dr.^a Conceição Evaristo, que introduz o tema, traz em seu arcabouço a ideia de valorizar e destacar as múltiplas vozes femininas, que a pesquisa tem como um de seus objetivos apresentar.

Se pensarmos nos clubes de leituras como espaços originalmente conservadores e elitistas, nos quais eram lidos e apresentados texto e/ou obras de cunho religioso, como, por exemplo, o estudo da Bíblia e, posteriormente, obras canônicas restritas a uma aristocracia que tinha acesso à leitura, e compreender como se dá a transformação desses espaços, marcada por tensões de classe e de gênero, em que o papel da mulher é de extrema relevância, percebemos a luta pela democratização da leitura também como parte da emancipação feminina, ao longo da História. Emancipação essa que só se faz possível, se pensarmos na leitura como um direito de todos e todas.

Historicamente a leitura tem sido um instrumento de poder e de exclusão social: primeiro nas mãos da Igreja, que garantia para si, por meio do controle dos textos sagrados, o controle da palavra divina; em seguida, pelos governos aristocráticos e pelos poderes políticos e, atualmente, por interesses econômicos que dela tentam se beneficiar. (CASTRILLÓN, 2011)

Analisando sob uma perspectiva de gênero, é necessário pensar em um alcance maior que contemple todas as mulheres, é crucial pensar, como salienta bell hooks em seu livro *O Feminismo É Para Todos*, sobre a importância de incluir as mulheres negras, que geralmente são excluídas quando se trata do exercício da intelectualidade:

⁵ Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2023/12/6751995-mp-pede-paralisacao-de-parte-da-construcao-do-anel-viario-de-campo-grande.html> (acesso em 15-12-23)

Interações antirracistas entre mulheres são difíceis em uma sociedade que se mantém segregada racialmente. Apesar das configurações diversas de trabalho, a maioria das pessoas ainda socializa somente com as pessoas de seu próprio grupo. Racismo e sexismo combinados criam barreiras nocivas entre mulheres. Até então, as estratégias feministas para mudar isso não foram muito eficientes. (hooks, 2018)

Reforçando a ideia de que a Literatura é um campo de disputa de narrativas, em uma perspectiva mais ampla, ter acesso a ela confere o direito ao pertencimento aos grupos sociais dos quais fazemos parte, também como agentes nos processos de interlocução.

Em “Vozes Mulheres”, temos a escuta das autoras, a partir de seus lugares de fala, e também a possibilidade de fazer ecoar as próprias vozes, já que o espaço do clube não se restringe apenas à leitura, mas à partilha dos saberes e narrativas das autoras, através do exercício coletivo. Nesse sentido, através das práticas de leitura e escrita e dos partilhamentos cotidianos, percebemos algumas peculiaridades no grupo Literalmente Elas, que o difere de um espaço de troca de leituras convencionais.

Atividades realizadas em outros espaços, que não o da escola pode favorecer o desenvolvimento do espírito crítico e da cidadania (CORTÉZ, 2011) - **tradução minha.**

A motivação para o desenvolvimento da pesquisa surge a partir do interesse despertado pelo processo de construção coletiva do grupo Literalmente Elas⁶. Pensar em um clube, cuja organização e administração são unicamente femininas, é deparar-se com uma ideia não só interessante, mas transgressora.

Os clubes de leitura ainda são uma alternativa para uma melhor apropriação da leitura, pois, em geral, são constituídos por um número limitado de participantes e vão além da leitura literária realizada em espaços formalmente constituídos, tais como as escolas e universidades. A diferença começa pela disposição física, em formato circular de modo que não haja figura de destaque e todos consigam olhar uns aos outros. (SCARAMUSSA e DALVI, 2017)

No caso, a transgressão não se limita à questão do gênero, mas também à diversidade como uma das marcas do grupo, que tem como ponto de partida a zona oeste do Rio de Janeiro, um território marcado pela ausência de políticas públicas, e que consegue agregar mulheres advindas de diferentes bairros do município, além de outros, da Baixada Fluminense, Niterói, Angra dos Reis e Paraty.

⁶ O Clube de Leitura Literalmente Elas foi criado em junho de 2018, por Denise Lima, Tudes Silva, Danielle Linhares e Danielle Perete, e privilegia a leitura de autoria negra e indígena, em consonância com as leis 10.639/03 e 11.645/08, que orientam e apontam diretrizes para o estudo de História da África e cultura afro-brasileira e indígena.

Com cinco anos de existência, o grupo reúne cerca de quarenta integrantes, de diferentes profissões, faixas etárias, etnias e orientações sexuais, e tem como propósito partilhar a leitura, contar as próprias histórias (ficcionais ou não), ler o mundo, a partir das perspectivas de diferentes obras e autoras, contribuindo individualmente para uma perspectiva de vida que privilegie o sentido de coletividade e valorize nossas pluralidades, como ressalta a escritora nigeriana Chimamanda Adichie:

A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história. A consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas sua dignidade, dificultando o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada, enfatizando como nós somos diferentes, ao invés de como somos semelhantes. (...) Quando rejeitamos a única história, e percebemos que nunca há uma única história sobre lugar nenhum, nós reconquistamos um tipo de paraíso.” (ADICHIE, 2019.)

“O ser humano é um ser social. Se gostamos de um filme ou de um livro, somos tomados pelo desejo de falar dele a alguém” (Luzia de Maria)⁷. A autora afirma, também, que saber ler deve ser encarado como uma tecnologia, como via de acesso às complexidades e desafios de um mundo multifacetado, de rápidas mudanças e extremamente competitivo (PASSOS, 2017).

Encarar tais desafios, tendo espaços seguros como os clubes, onde partilhas de saberes e trocas de experiências criam uma rede de apoio, transforma as percepções sobre o ato de ler, proporcionando leituras colaborativas que aensem para além de um ato solitário.

Essas leituras colaborativas, assim como outras vivências do grupo, serão exploradas ao longo da pesquisa, a fim de evidenciar até que ponto tais práticas são capazes de contribuir para o acesso e a democratização dos saberes.

1.2 Literalmente Elas: um rio e seus afluentes- espaço de afetos e nutrição

Assim como um rio e seu curso natural, o Literalmente Elas, mais que um clube, é um coletivo que, em tempos de pandemia, conseguiu agregar mulheres de diferentes faixas etárias, profissões e locais do estado do Rio de Janeiro, que não só a zona oeste, sua região de origem. O grupo foi gestado pela historiadora e professora da Rede Municipal do Rio, Danielle Linhares, quando estava grávida de sua filha mais nova, a Frida, nome inspirado na grande artista mexicana, que é uma das referências para a

⁷ Fala da autora Luiza de Maria, em o Clube do Livro “Ser Leitor, que diferença faz” (O Globo)

idealizadora e para o coletivo, como um todo. A participação da Fridinha, como carinhosamente a chamamos, é frequente. Uma menina que cresce entre os livros e o convívio com outras mulheres.

Figura 2 - A idealizadora do grupo: Danielle Linhares e sua filha Frida



Fonte: Acervo do Clube.

O Literalmente Elas nasce em julho de 2018, depois de mais de uma tentativa de sua idealizadora em formar um clube de leitura na zona oeste. Naquele momento, ela já era moradora da região, mais especificamente de Campo Grande, onde começa oficialmente a história do clube, com a participação de duas de suas amigas. Como frequentadora assídua dos poucos espaços culturais da região, ao divulgar o clube, informalmente, novas integrantes começaram a chegar, através do Clube de Leitura da zona oeste, da Casa Bosque e, também, das redes sociais, em especial o Facebook. Já contando com algumas pessoas, houve uma eleição para a escolha do nome, a partir de sugestões apresentadas.

Até então, o grupo contava com uma presença masculina, apenas. Após sua desistência em permanecer, de modo quase orgânico, prevaleceu a ideia de manter o grupo só com mulheres, que só leriam mulheres. Segundo Danielle, um caminho natural, que ela associa à espiritualidade e a um movimento ancestral de conexão entre mulheres e águas, numa visão umbandista, religião por ela praticada. Dessa forma,

entendo a alusão ao rio, como algo mais que uma metáfora, mas como um lugar de encontros e de fluidez, como a própria vida.

O desejo de construir o grupo com outras mulheres passou e passa, também, por questões e escolhas políticas, como o desejo de equidade entre os gêneros e a inclusão de mulheres no mercado editorial, tão marcadamente masculino e branco, não só no Brasil, mas no mundo.

A ampliação de narrativas, tanto em termos das vozes que contam as histórias, mas também da escolha das personagens que as dão vida, é outro aspecto relevante. Nesse sentido, é importante destacar que, além da autoria feminina ser uma exclusividade do grupo, há também o predomínio de autoras negras e indígenas, ainda que as obras selecionadas e votadas para a leitura coletiva, anualmente, não sejam compostas apenas por produções brasileiras. No clube, há oportunidades de acesso a autorias que nem sempre são conhecidas previamente pelas integrantes. Reforçando assim que, sair do “Perigo de uma história única” (uma referência à autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie) é um dos pilares do grupo.

A emancipação financeira de outras mulheres acaba sendo, de alguma maneira, uma das motivações para as escolhas das obras, também, uma vez que algumas delas são compradas diretamente com as escritoras ou a partir de pequenas editoras, que as publicam. Ainda que tal atitude não provoque um grande impacto, consumir livros de mulheres, negras, indígenas, LGBTQIA+ e outros, não deixa de configurar uma sinalização ao mercado editorial, para que este invista na diversidade e pluralidade de vozes.

Os aspectos citados acima são uma demonstração de alguns dos critérios para a escolha dos livros. Outro dado, que julgo importante, é que o contato com algumas das autoras mais acessíveis, não se dá somente para a leitura de suas obras. Algumas já participaram, inclusive, dos saraus mensais (outra atividade do clube) que, no período de pandemia ocorreram virtualmente. Se, por um lado o problema global distanciou pessoas, por outro, propiciou novas formas de encontros que de outra maneira não seriam possíveis.

Os encontros virtuais também abrem caminhos para a divulgação do trabalho, compras (prévias e posteriores) dos livros diretamente com as autoras e, conseqüentemente, para a circulação da literatura, que é o principal objetivo de clubes.

Assim, mesmo com o fim da pandemia, algumas de nossas atividades e encontros se mantêm através do modelo virtual.

1.3 Metodologia do Coletivo

No início de cada ano são sugeridos títulos, pelas integrantes para as leituras bimestrais, seguidas de votação, através do grupo específico para informes, no WhatsApp. Os cinco mais votados, em sequência, lideram a listagem. O calendário, com os dias e locais dos encontros, é costurado ao longo do ano e é flexível. Os encontros podem ser presenciais, em diferentes partes da cidade, ou online.

No dia específico, de acordo com o espaço disponível, ficamos em roda. É feito um acolhimento, que pode ser em forma de chás, incensos, músicas, leitura de algum poema, relacionado ao contexto da obra escolhida. A idealizadora do coletivo faz, também, uma breve apresentação da autora selecionada.

A partir daí, a conversa flui e todas são incentivadas à participação. Após a discussão sobre o livro, a confraternização continua.

O encontro segue reverberando, nas redes sociais do coletivo e das integrantes, com postagens de fotos, resenhas do livro e relatos sobre o encontro. Uma forma de registrá-lo, para além da memória afetiva.

É importante destacar, que somos uma coletividade. O gênero nos une, assim como o propósito, mas temos nossas subjetividades. Somos plurais e tensionamentos fazem parte, tanto na dinâmica da escolha do livro, nem sempre o livro a ser lido seria o escolhido individualmente, quanto nas datas e locais votados para o encontro.

Como qualquer votação democrática, prevalece o que a maioria elege. O que vale para os encontros sobre os livros, os saraus internos, as reuniões para a discussão de alguma pauta etc.

Assim tem sido e fluído, como um rio.

CAPÍTULO 2. Clube de Leituras e grupos de estudos como possíveis territórios de aquilombamento

“Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário (...) ele se fortalece. Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente (...) a gente rende.”

- Nego Bispo

A tessitura desse capítulo se dá a partir de conversas e relatos (orais e escritos), em tempos e espaços distintos. Uso o presente verbal, porque falo sobre conversas permanentes com minhas interlocutoras, a pesquisa vai acontecendo, enquanto caminhamos, como coletivo. Daí a conversa ser encarada como uma das principais metodologias. A oralidade, um valor civilizatório, é marca dos encontros de nossas vozes e “águas”, que se juntam, misturam, confluem e nos levam a outros territórios e possibilidades.

2.1 Minha inserção no Literalmente Elas

,

Figura 3 - Outubro de 2019, quando conheci o Clube na FLICAMP



Fonte: Acervo do grupo, 2019.

Conheci parte do grupo, na primeira Festa Literária da Zona Oeste (FLICAMP), que ocupou o espaço da Igreja Nossa Senhora do Desterro, um local histórico de Campo Grande, em outubro de 2019. O evento, realizado num fim de semana, teve como principais homenageados Carolina Maria de Jesus e Lima Barreto. E foi essa homenagem a minha principal motivação para prestigiar e, inegavelmente, como programações desse tipo são raras em nossa região, senti vontade de “abraçar a causa”. Naquela época, o desejo de fazer o mestrado já existia, mas não sabia quando se ou quando o realizaria. Contudo, as questões raciais e de gênero já faziam parte dos meus questionamentos. Desejei inclusive, à época, fazer um projeto que envolvesse os dois autores citados. De certa maneira, Carolina Maria de Jesus já era parte de um projeto de vida.

Assisti às mesas escolhidas, circulei pela feirinha de livros organizada em um dos espaços e, à certa altura, avistei um grupo de mulheres com um estandarte; algumas, com blusas que identificavam o clube e, coincidentemente, eu me dei conta de que já conhecia algumas das integrantes, de outros espaços e relações (com uma, trabalhei numa escola, em Realengo; com outras havia feito cursos de escrita e um sobre leitura de mulheres, no Colégio Pedro II, e outras, por termos amigas em comum).

Constatada a “coincidência”, travamos uma conversa leve e divertida, fui apresentada às outras componentes e, logo, convidada não só para integrar o clube, como para participar da atividade que elas apresentariam, no evento: uma roda de leitura. Aceitei os dois convites, sem pestanejar. Como eu já possuía uma vivência, por um curto período (em 2015) com um grupo cultural, que organizava saraus, em ruas e praças da zona oeste, mais precisamente em Realengo e Bangu, a ideia de me juntar a outras mulheres que pensavam não só em leitura coletiva, mas em agitar culturalmente a nossa região, me pareceu bastante atrativa. Não me enganei.

Do meu primeiro encontro e entrada no grupo, só a partir de janeiro de 2020 iniciei a minha participação mais efetiva, comparecendo aos encontros e participando de outras atividades propostas. Foi um curto, mas intenso período, com cafés, piquenique literário, *tour* pelos sebos do Rio, além de uma festa temática, no carnaval, na data do aniversário da idealizadora do grupo - o Boteco das Fridas, em homenagem à artista que, como já fora dito, é uma de suas paixões e inspirações e da qual lemos uma de suas biografias.

Em março de 2020, é decretado o *lockdown* devido à pandemia e, assim como a vida da maioria das pessoas, o grupo passou por um momento de “reinvenção” e de adaptação à vida virtual. Ele se torna não só um espaço de partilha de leituras, mas também de acolhimento e de criação de estratégias que pudessem fortalecer umas às outras, como o incentivo ao trabalho e a cooperação em campanhas divulgadas no grupo do whatsapp.

Figura 4 - Marcha das mulheres (M8) em 2019.



Fonte: Acervo do Clube, 2019

Figura 5 - Piquenique Literário no Bosque da Barra em janeiro de 2020.



Fonte: Acervo do Clube, 2020

Além dos encontros bimestrais, para a discussão sobre os livros, saraus semanais acontecem (alguns com temas e, às vezes, com a participação de convidadas e convidados) e o contato cotidiano possível aumentou, através do grupo no whatsapp. Destaco que, durante o auge da pandemia se, por um lado, algumas componentes mais antigas deixaram o grupo, por outro, ele cresceu e, o que já era uma característica sua, passou a agregar cada vez mais mulheres de diferentes localidades do Rio de Janeiro.

Figura 6 - Retorno em modo híbrido, na Casa Bosque. Campo Grande/Rio de Janeiro.



Fonte: Acervo do Coletivo, 2020.

Os saraus, que eram semanais, com o aumento das demandas de trabalho e de estudos, nos tempos “híbridos”, passaram a ser mensais (toda primeira sexta-feira) e com momentos para o debate de outros assuntos pertinentes ao grupo, sem uma pauta definida.

Em setembro de 2021, aconteceu de modo híbrido (que não é o ideal, mas foi o possível) o encontro para a discussão do livro escolhido. A parte presencial aconteceu ao ar livre, na Casa Bosque. De modo semelhante, aconteceu o último encontro do ano, em dezembro. Respeitando a votação, em um outro local mais “central” para beneficiar as integrantes que são de outras regiões.

Figura 7 - Casa Bosque em Campo Grande.



Fonte: Acervo do Coletivo, 2020.

Figura 8 - Casa Bosque em Campo Grande



Fonte: Acervo do Coletivo, 2020.

Importante lembrar que, além das obras escolhidas, outras autoras são divulgadas nos saraus (onde podemos ler autorias masculinas, também) e, cotidianamente, no grupo do WhatsApp que, de tão movimentado, acabou gerando a criação de um outro, fechado e específico para informes e votações.

Para 2022, uma outra lista para sugestão e votação foi criada em janeiro, a partir de novas demandas, não só do tempo, mas das integrantes que vão chegando e dando uma outra “cara” ao grupo, sem que este perca a sua essência e objetivos. Os livros

escolhidos, na sequência dos encontros, confirmam a opção do grupo em priorizar obras escritas por mulheres negras.

2.2 – Atividades realizadas com parcerias:

Outra peculiaridade trazida, durante o período da pandemia, foi a realização de atividades com parcerias. Em alguns momentos, o clube como convidado; em outros, como anfitrião. Partilhas que continuam acontecendo e enriquecem, diversificam as possibilidades de atuação do coletivo e apontam para outros caminhos futuros.

Oficinas com convidadas e convidados, presença de autoras e autores, nos saraus e nos debates sobre os livros, parceria na organização da FLICAMP (Festival literário de Campo Grande, em 2020) , atividades inscritas nos 21 Dias de Ativismo Contra o Racismo, em 2021, 2022 e 2023, roda de conversa em parceria com o grupo Leia Latinoamérica (organizado pelo professor e mestrando em estudos neolatinos, na UFRJ, Wagner Guimarães), oficina sobre Escrita Criativa, com a jornalista, professora e pesquisadora, Elô Baêta; HQ's em sala de aula (em uma perspectiva afrocentrada), com integrantes do Observatório Carioca de Quadrinhos⁸, Expressão Corporal, com a terapeuta e integrante do grupo, Maristela Trindade⁹ e encontros com as autoras Fernanda Vieira (descendente de indígena), que disponibilizou os textos de sua obra *Crônicas Ordinárias*, e Marla de Queiroz, com quem compramos diretamente seu livro (*Flores de Dentro*); *live* com a poeta Ornela Rodrigues e, nos encontros sobre o livros *Quarto de despejo* e *Casa de alvenaria*, a presença do jornalista Tom Farias, um dos biógrafos de Carolina Maria de Jesus. Foram algumas das atividades de 2020, 2021 e 1º trimestre de 2022.

Além de atividades pertinentes ao grupo, algumas integrantes participam de outras ações relacionadas à leitura, à literatura e às artes, em geral. Ainda que não envolvido diretamente, o coletivo divulga, fortalece e se faz presente, sempre que possível.

⁸ Idealizado por Elbert Agostinho, o Observatório Carioca de Histórias em Quadrinhos, é um núcleo de pesquisa sobre história em quadrinhos, com objetivo de construir conexões com pesquisadores de diferentes locais. Realizam palestras, cursos, grupos de estudos e atividades que reconhecem o potencial discursivo das Histórias em Quadrinhos.

⁹ Maristela Trindade: mulher, mãe, vivente, professora, terapeuta e dançante. Estimuladora do autoconhecimento e da expressão através do corpo, da dança, da poética, do movimento em palavras, da desconstrução das couraças e da revolução diária do uno e do todo. E prefacista da Coletânea do Coletivo.

Para 2022, além das atividades propostas e outras que surgiram ao longo do ano, estava prevista e se concretizou a publicação da primeira coletânea do grupo.

Com seus saraus internos e externos, frutos de convites e parcerias; encontros bimestrais e, principalmente com o lançamento da primeira coletânea autoral e seus respectivos frutos, o Literalmente Elas seguirá espalhando, em versos e prosa, a poesia que é a sua existência, sua forma de ver e estar num mundo, em permanente construção, assim como nós mesmas.

“O mundo percebido e vivido poeticamente pela dimensão dos sentidos é um mundo em constante transformação, em movimento de construção, em latência do imaginário para a expressão do real, em transcendência e revelação do Ser e do corpo, enfim, do humano na sua forma de estar no mundo.”¹⁰

2.3 Tempo de aquilombar: como os clubes de leitura e os grupos de estudos podem se constituir em territórios femininos de aquilombamento

A partir da perspectiva de Conceição Evaristo, que “bebeu” nas fontes de Abdias do Nascimento e de Beatriz Nascimento, que ressignifica temporal, geográfica e simbolicamente a ideia de quilombo, e também a partir das aulas do mestrado, percebi a possibilidade de ampliar o que havia pensado inicialmente para a minha pesquisa.

Observar as peculiaridades do Literalmente Elas, entendê-lo como um espaço de criatividade, fertilidade e motivação, para que novos grupos fossem constituídos, indo ao encontro de outras demandas e desejos, surgidos organicamente, é olhar para a literatura mais que como um direito, como uma vontade de entrar na “arena” de disputa, da qual ela se constitui. Ler histórias de outras mulheres, com as quais nos identificamos, nos sentimos representadas e termos também a oportunidade de narrarmos nossas próprias histórias, são alguns dos aspectos positivos, que ressalto no trabalho.

Cada vez que encontro
outras mulheres
Para partilhar histórias,
nos tornamos terra fértil
(Ryane Leão)

¹⁰ Poesia e Corpo, de Gilmar Leite Ferreira. Vivência, n. 35, 2010, p. 83-92.

Pensando em território, para além do sentido geográfico, meu trabalho se debruça especificamente nas atuações de, além do Literalmente Elas, outros três grupos, dos quais sou também integrante: o Clube de leitura Ocaia e os grupos de estudos Aprendendo a Transgredir e Estudos Coletivos (Corpos/ Corpus Femininos).

A “fertilidade” de que nos fala Ryane Leão é um dos elos entre os grupos, além do fato de suas idealizadoras e muitas de suas participantes serem também integrantes do Literalmente.

2.4 Os afluentes

2.4.1 Ocaia: mulheres que leem autoras negras brasileiras

O Ocaia¹¹ (mulher, na língua bantu) foi idealizado pelas professoras Magda¹² Carvalho e Vanessa Muniz. No dia 19 de fevereiro de 2022, num encontro presencial, em uma cafeteria do Méier (Zona Norte do Rio), entre cafés, boas risadas e a tentativa de ignorar os sons alheios à nossa conversa, parte da história do grupo me foi contada.

O grupo, que ainda não tinha esse nome, surgiu de uma tentativa da pedagoga e professora Vanessa, em 2018, em organizá-lo com colegas da Pós-graduação em História da África, no Colégio Pedro II. Segundo ela, uma tentativa “frustrada”, talvez pelas faltas de experiência e de sintonia entre o grupo.

Sua parceira de curso e amiga, Magda Carvalho, ciente do desejo e da frustração, ao ver uma postagem numa rede social da Camilla e seus livros (*blog* pessoal) sobre um desafio de leitura de escritores negros, “marcou” a amiga. Assim, reacendeu o desejo de retomada do projeto, com novos moldes, e recriação do clube.

Com a ideia da Magda que, inicialmente não se entendia como idealizadora, e a praticidade da Vanessa, o “Lendo Escritoras Negras” recomeça a jornada e, conforme os relatos das duas, “de modo bem intimista e com uma sintonia bem bacana”.

A ideia era montar um clube na zona norte (do Rio) e ler apenas autoras brasileiras negras, corroborando com a ideia da Camilla Dias, em seu desafio. Com a

¹¹ Substantivo feminino: mulher, garota, fêmea. Esposa, companheira. LOPES, Nei. Novo dicionário banto do Brasil: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss. Pallas Editora, 2003.

¹² Magda Carvalho: mulher negra, mãe da Amora, professora e educadora contracolonial, contadora de histórias, cientista social, pedagoga em processo. Coidealizadora do Clube de Leitura Ocaia. Aluna do PPCULT/UFF.

mobilização nas redes sociais, o grupo se firma com propostas definidas em relação às categorias a serem lidas e sugestões de autoras. Assim como o novo nome foi escolhido em votação, os títulos, também. Toda mobilização se dá, através do grupo criado no whatsapp, em janeiro de 2020. Com o início da pandemia, do *lockdown* e com a vida, na rua, inicialmente “suspensa”, principalmente para nós, professoras e estudantes, é no mundo virtual que o grupo cresce e acolhe mulheres de várias partes do Rio de Janeiro e, até mesmo, de outros estados.

Num primeiro momento, os encontros foram mensais, mas o grupo não conseguiu dar conta, devido à retomada das atividades remotas. Segundo as idealizadoras “ficou difícil dar conta de tudo e os encontros passaram a ser bimestrais; o que facilitou o ritmo de leitura e a compra dos livros.” Algumas compras, inclusive, feitas de modo coletivo e diretamente com suas autoras e/ editoras.

Com dois anos de existência, o grupo já leu dez autoras, distribuídas nas categorias: poesia, contos, literatura infantil, romance, teórico e história em quadrinhos; e duas delas participaram dos encontros, abrilhantando o debate.

Figura 10 - Encontro virtual com a autora Vilma Piedade



Fonte: Acervo do Coletivo, 2022.

No dia 30 de abril de 2022, o grupo recebeu a autora de *Dororidade*, Vilma Piedade¹³, com a qual compramos os livros e com quem parte do grupo se encontrou

¹³ Vilma Piedade. Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, formada em Letras pela UFRJ, pós em Teoria Literária/UFRJ, escritora e palestrante. Autora do Livro *Conceito Dororidade*, lançado em 2017 pela editora NÓ/SP. E em 2021 lançou *Sobre Feminismos com Andréa Pacha*, da Ed. Agir Antirracista. Integrou a Comissão de Relatoria no Brasil na Revisão da Conferência de Durban. Com artigos publicados. Colunista do Canal Pensar Africanamente e do Coletivo Pretaria. Atualmente tem se dedicado à escrita e dado cursos sobre Feminismos. A Língua Portuguesa Colonizada Linguagem Linguagens e Racismo Linguístico.

presencialmente, quando foi realizada a entrega. Uma manhã de domingo (10/04), bem interessante e animada, num café na Tijuca (Zona Norte, do Rio) que, para algumas se estendeu num almoço “quase janta”, em Vila Isabel (também zona norte do Rio).

Dororidade é um dos conceitos que pode justificar, inclusive, a escolha política do grupo, em priorizar autoras negras brasileiras. Já é bastante conhecido e difundido o conceito de sororidade, que abarcaria a questão das mulheres, de maneira geral, na sociedade machista em que vivemos, mas, segundo Vilma Piedade, não é o suficiente para entender a realidade das mulheres negras, tanto pelo racismo quanto pelo machismo. Por isso, ela apresentou no livro de mesmo nome a Dororidade, essa dor que atinge mulheres negras, tanto pelo racismo quanto pelo machismo. (Revista Cult)

Avaliando a existência e a resistência do grupo, o sentimento que “testemunho”, como integrante, e à medida em que me aproximo das idealizadoras, a fim de fazer a minha pesquisa, é o de que o Ocaia é um território de aspirações e afetos.

Com dois anos e mais de dez livros lidos, Magda Carvalho e Vanessa Muniz planejam a escrita de um projeto, a fim de registrar a memória do grupo, colocando-se no lugar de pesquisadoras e intelectuais, onde às vezes é tão difícil nos enxergar, mas que com o coletivo somos impulsionadas a fazê-lo. Embora a dinâmica de leitura seja pessoal e coerente com as diferentes demandas da vida, fazer parte do grupo é revigorante. Magda diz: “eu me senti envergonhada, às vezes, em participar dos encontros sem ter lido os livros, mas a gente sempre sai dos encontros com alguma coisa que vai além do livro. O encontro é além do livro. Há uma potência que as diferentes visões trazem. O livro é instrumento de magia e a magia existe, apesar dos instrumentos.”

Lugar de partilha e de saberes e, simultaneamente de “refúgio” e fortalecimento para as lutas cotidianas, como a ideia de aquilombamento, a qual nos remete o poema “Tempo de aquilombar”, de Conceição Evaristo, deixo a pergunta-poética da coidealizadora do grupo, a também colega de PPCult (turma 2022), Magda Carvalho, e ousou responder: “Como é que a gente se protege, se ‘blinda’, nesse lugar que pra gente é sagrado?” Aquilombemo-nos, Ocaias!

Pandemia, Literatura e Mulheres: relato da Ocaia Isabel Nascimento

“Sou uma mulher de sessenta anos. E sempre amei os livros.

Nos últimos anos, tinha participado presencialmente de alguns grupos de leitura. Vieram a pandemia, o isolamento e a internet adentrou em nossas casas.

Vi uma chamadinha, no Instagram, para uma leitura do livro Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus, que eu já havia lido sozinha. Logo percebi que esse era um grupo diferente: mulheres inteligentes, bem humoradas, abertas, sábias, militantes, feministas, antirracistas e pesquisadoras (gente fazendo mestrado, doutorado!!!). Cada uma com suas histórias pessoais, e assim formou-se um grupo de mulheres que se acolhiam em vários assuntos.

Percebi a diferença, quando para a escolha do nome para o Clube de Leitura – houve uma votação! E também sobre a administração do grupo – todas somos administradoras! E tudo que dizemos tem um espaço de consideração.

Cheguei devagarzinho, como uma das mais velhas, encorajei uma outra mais velha também, quietinha, que se abriu feito flor. Fui encorajada também a falar, mesmo tendo dificuldades para legitimar minha fala ou articular o raciocínio. Foram pacientes comigo. Somos pacientes umas com as outras. Sabemos de nossas dificuldades, num universo tão machista e patriarcal, em que vivemos sem direito à fala. Sou de uma geração que mulher não tinha voz (nem vez).

Num dos encontros, sobre um livro de poesia, lemos os textos de uma autora que mora em Santo André – SP, Jéssica Ferreira, e ela participou da atividade. A mesma escritora esteve na minha cidade (Santos) e nos encontramos para um café e um passeio às livrarias. Foi bem gostoso aquele dia que, de certa forma, foi proporcionado pelo grupo.

Eu fiz Pedagogia e me especializei na Primeira Infância, tendo me aposentado um ano antes da Pandemia e do isolamento. Trabalhei na Rede Pública, por trinta anos.

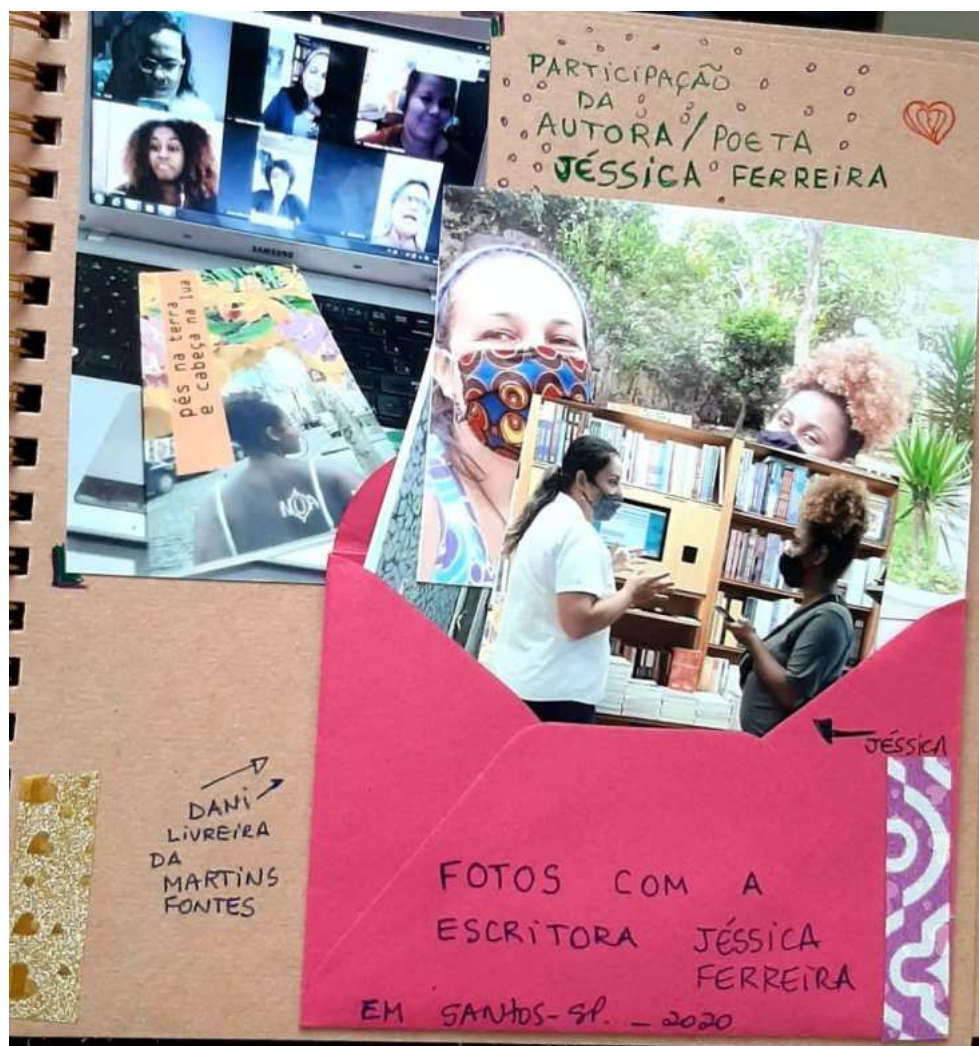
O Grupo Ocaia (sim, esse nome lindo foi o escolhido, que significa Mulher, em Banto) foi um incentivo para buscar novas leituras, abrindo janelas dentro do meu ser. Por mais sensível e empática que eu seja, muitas questões ainda estão estruturalmente embutidas nessa sociedade e estar no grupo ajudou a me desconstruir com mais rigor e estudos. As mulheres do grupo se abriram, riram, choraram e falaram de coisas que são muito valiosas, para todas. Também me abri, ri, chorei e aprendo tanto com elas. Desse

mesmo grupo, surgiram ramificações, com outros temas específicos e um incentivo para que escrevêssemos um texto, ou seja, o Clube de Leitura Ocaia nos faz ler, falar e escrever! Uma publicação nossa!

Agora, passados dois anos, ainda estamos virtualmente juntas, mas eu sou a que mora em outro estado. Tenho vontade imensa de conhecê-las, abraçá-las e tomarmos uma cerveja juntas! E sei que ainda faremos isso!

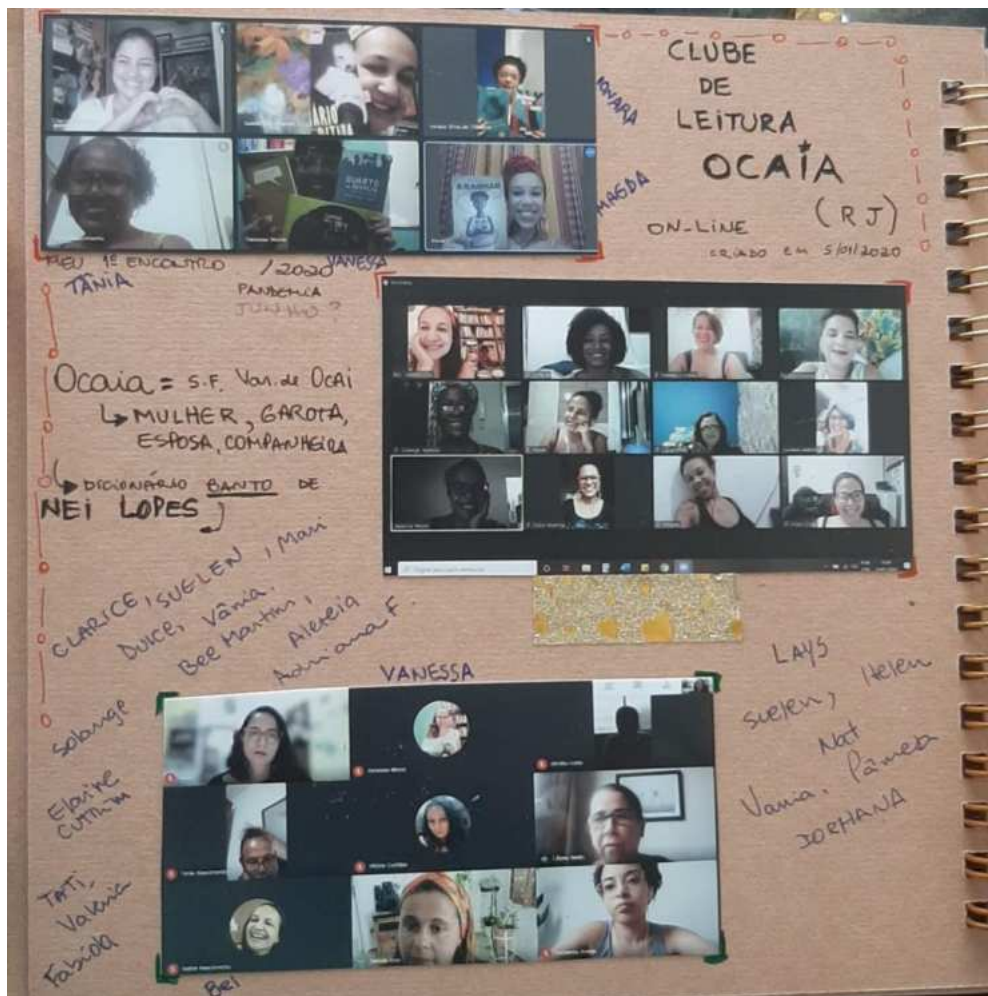
Então, para curtir um pouco mais e recapitular esses dois anos, resolvi fazer um álbum simples, de pequenas fotografias, com “prints” que tirávamos ao final de cada leitura. Escolhi alguns dos momentos e imprimi as fotos. Eu tenho a fotografia como aliada na minha vida e não seria diferente em relação ao Clube de Leitura Ocaia. Precisei imprimir as imagens e compor o álbum como uma pequena ‘exposição’. Senti a necessidade de materializar a história do clube, olhar novamente para aqueles momentos e livros lidos e saber que, sim – estivemos juntas e estaremos sempre conectadas, enquanto mulheres e enquanto leitoras de um mundo em que ousamos viver com amor, dignidade e justiça!”

Figura 11 – Encontro do grupo Ocaia com a escritora Jéssica Ferreira, 2020.



Fonte: Acervo do Coletivo, 2020.

Figura 12 – Encontro online do Grupo Ocaia (2020).



Fonte: Acervo do Coletivo, 2020.

2.4.2 Aprendendo a transgredir: mulheres que leem bell hooks

O grupo nasceu a partir do desejo da professora Vanessa Muniz¹⁴ em partilhar sua leitura, inicialmente individual, do livro *O Feminismo é para todo mundo*, com outras mulheres. Segundo ela: “Eu me senti provocada a ler esse livro, em coletivo.”

A partir dessa “provocação”, já em tempos de pandemia, ela fez uma postagem no Facebook, convidando outras mulheres a fazerem parte do que viria a ser um grupo de leitura e estudos partilhados sobre a obra da intelectual afro-americana bell hooks que, nas palavras da idealizadora “é uma escritora muito plural, multidisciplinar e que trata de temas como cultura, feminismo negro, educação, política etc.”

¹⁴ Vanessa Muniz: feminista, suburbana, educadora popular, psicopedagoga, especialista em Ensino de História da África, graduanda em Pedagogia; idealizadora do Espaço Multidisciplinar Especiarias Literárias, incentivadora do grupo de estudos Aprendendo a Transgredir e coidealizadora do clube de leitura Ocaia.

As participantes, carinhosa e politicamente chamadas de “transgressoras”, foram chegando e, à semelhança de outros grupos, foi criado um espaço virtual para a troca de informações e os encontros, a princípio quinzenais, com a leitura e mediação de um capítulo. Com a sobrecarga da vida remota, a periodicidade dos encontros passou a ser mensal. Como o intuito é o de que eles sejam horizontais e os mais democráticos possíveis, sua dinâmica é a de que, a cada mês, uma integrante apresente o capítulo e que todas tenham a liberdade de se colocarem ou não, conforme o desejo. Assim como o falar é estimulado, naturalmente, não há pressão para que aconteça. Ainda que com muitas afinidades, cada participante é única e tem a sua postura respeitada.

Saber dialogar com as diferenças, mais que concordar com tudo o que se diz, saber escutar e refletir sobre elas, respeitá-las e acolhê-las, assim como bell hooks defende a importância do conflito, porque é a partir dele que nascem oportunidades e ideias sobre as quais não se haviam pensado, são propósitos do grupo.

No início do Aprendendo a Transgredir (começo de 2020), a maioria das participantes era do Literalmente Elas e a sua organizadora, Danielle Linhares, uma das incentivadoras e, até hoje, inspiração para o perfil que foi traçado para o grupo.

A primeira leitura foi *O Feminismo é para todo mundo* e, em seguida, o *Ensinando a Transgredir*, cujo título “adaptado”, deu origem ao nome do grupo, formado majoritariamente por professoras que se entendem como aprendizes. Uma proposta bem “freireana”. Aliás, o mestre Paulo Freire tem um capítulo em sua homenagem, no livro, já que bell hooks de forma afetuosa e não menos crítica reconhece a importância e influência do intelectual brasileiro.

Fã do educador e filósofo brasileiro Paulo Freire, bell hooks escreve como um ato político acreditando que a educação, o aprendizado de um pensamento crítico, o acesso de todos ao pensamento feminista e o amor podem não apenas nos ajudar a inventar nossas histórias e existências, como também nos curar (BORGES, 2021).¹⁵

Para Rosane Borges¹⁶, jornalista, pesquisadora, colaboradora da Colabor, da ECA-USP, e uma especialista na autora, o pensamento de bell hooks é necessário para se pensar novas práticas políticas no presente e no futuro, “porque é um pensamento atemporal e que responde às demandas, às complexidades do passado, mas também do

¹⁵ Entrevista concedida a revista Elefante Editora em janeiro de 2021. Disponível em: <https://elefanteeditora.com.br/ouvindo-umas-verdades-com-bell-hooks-o-feminismo-e-para-todos/>.

¹⁶ Id. 11

presente e do futuro. O pensamento de bell hooks é complexo, pluriversal, se insere numa dimensão anticapitalista, antipatriarcal, antisexistista, pensa formas de sociedade emancipada, ou seja, ela traz tudo o que hoje a gente vê reeditado num mundo em termos de destituição, exclusão e desigualdade. O pensamento dela é fundamental porque como todo pensamento clássico, sempre oferece ferramentas para a gente pensar sobre o nosso tempo, intervir e transformá-lo.

Cada vez mais nutridas e instigadas pelo pensamento de bell hooks, que desde o primeiro livro nos aponta a necessidade de um feminismo que inclua mulheres negras e as complexidades que envolve, nos percebermos como intelectuais e não só pela presença no meio acadêmico. Com tanta motivação, partimos para a leitura do terceiro livro, *Tudo sobre o amor e outras perspectivas. Livro que, aliás, foi lido tempos depois, com outra dinâmica, pelo Literalmente, também.*

Com o passar do tempo e das leituras, fomos e somos atravessadas por questionamentos sobre raça, gênero e classe, que nos levam a refletir para além dos livros e contextualizar o tempo todo com a nossa realidade, sobre uma sociedade que ainda valoriza uma produção branca e seus moldes e o quanto isso, muitas vezes, nos faz depreciar o que fazemos em nossos cotidianos e o quanto olhar e valorizar nossas produções, acadêmicas ou não, assim como as nossas próprias existências e ocupações em espaços que nos foram historicamente negados é urgente. Estar em coletivo nos impulsiona a mudanças que desejamos ser e fazer.

E as mudanças chegam e, ainda que individuais, reverberam não só no grupo, mas em outros espaços nos quais atuamos, pessoal e profissionalmente. Embora não seja o foco principal que, reiterando, agrega mulheres com diferentes formações, algumas de suas integrantes se sentem motivadas à inserção e ao retorno ao meio acadêmico; o que é celebrado, coletivamente.

De 2021 até o momento, só para exemplificar, três “transgressoras” estão cursando o mestrado. No meu caso específico, que estava afastada da universidade, desde 2015, pertencer ao grupo e ter acesso à obra de bell hooks, uma das referências em minha pesquisa, foram cruciais para esse movimento. A autora, que considera a intelectualidade de mulheres negras, para além da academia, é fonte de inesgotável de inspiração e de conhecimento.

Sobre a entrada no mestrado, conversei com a professora da Rede Municipal do Rio, Queiti Cristina Pereira da Silva que, juntamente com outras mulheres e apenas um homem, é coautora da coletânea *Narrativas Negras - infâncias e relações étnico-raciais em contextos educativos*, organizado por Camila Machado e Geisa Ferreira, cujo lançamento foi no dia 31 de março, no Mercado Casarão (Praça da Bandeira - Rio). Sua preciosa contribuição é o artigo “Turbantes e Literatura na Educação Infantil: possibilidades de reconhecimento, valorização e representatividade da Identidade Negra.”

Em relação à importância do Aprendendo a Transgredir, reproduzo o relato, que ela me enviou. Ressalto, também, o quanto têm sido enriquecedoras as trocas de ideias, material e referências bibliográficas entre mim e ela.

RELATO DA QUEITI:

“Eu comecei a participar do grupo de estudos Ensinando a Transgredir, durante a pandemia da COVID-19, no ano de 2020. O grupo formado por mulheres de diversas áreas do conhecimento agregou muito em minha trajetória profissional. Estar reunida com mulheres para discutir a obra de bell hooks foi uma oportunidade de conhecer melhor essa ativista, feminista negra e professora, que tanto contribuiu para os estudos culturais. Muitas coisas me aproximam de bell hooks, mas a maneira assumidamente apaixonada por sua profissão, talvez seja o que eu mais admire em sua obra.

Em um dos encontros do grupo, nos foi indicada uma palestra com um pesquisador de bell hooks e ele sugeriu a leitura do texto ‘De Coração Para Coração: Ensinando Com Amor’. Assim que o encontro terminou, fui correndo ler o texto e já na terceira linha eu estava chorando e concordando com tudo o que a autora diz sobre amar os nossos alunos. As pessoas comumente se espantam, quando revelamos nossas emoções e sentimentos neste mundo em que aprendemos a valorizar a razão, em detrimento da emoção, onde as crianças desde a Educação Infantil precisam aprender que ao entrar na escola, seus sentimentos e problemas devem ficar do lado de fora.

Assim como a autora, fui criticada muitas vezes por ter “muita paixão”, por ser “muito emocional” e que não deveria me envolver tanto para não sofrer. Porém, refletindo sobre a minha trajetória e depois da leitura do texto, chego à conclusão de que nunca, enquanto mulher negra, professora, moradora da mesma favela em que as escolas que já trabalhei estão localizadas, poderia exercer minha docência sem amor, sem envolvimento, sem reflexão, sem indignação. Acredito no amor enquanto

possibilidade de transformação social alicerçado no cuidado, compromisso, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança.

Considero que estar no grupo foi fundamental para a minha aprovação no processo seletivo do mestrado, que aconteceu no ano seguinte. O grupo fortaleceu minha autoestima e empoderamento. A dinâmica do grupo, que foi decidida coletivamente, consiste em cada semana uma pessoa apresentar um capítulo. Lembro-me de ter apresentado três capítulos e isso foi muito bom para aperfeiçoar minha capacidade de argumentação, síntese e de escuta.

Quando foi divulgado o processo seletivo do programa de mestrado, vi que o livro *Ensinando a Transgredir* fazia parte das referências e fiquei muito tranquila, afinal já me sentia íntima de bell hooks e ter lido e discutido o livro com as mulheres dos grupos, a partir de diversas perspectivas, ampliou meu olhar para o conceito de interseccionalidade e reafirmou o meu compromisso com as práticas progressistas.”

Figura 13 - Integrantes no lançamento do livro *Narrativas Negras* (2022).



Fonte: Acervo do Coletivo, 2022.

Figura 14 - Integrante e coautora Queiti Cristina (2022).



Fonte: Acervo do Coletivo, 2022.

Figura 15 - Integrantes do grupo Vanessa e Queiti (2022).



Fonte: Acervo do Coletivo, 2022.

Assim, sinto nos grupos sobre os quais falei uma possibilidade de traçar uma analogia com o que a autora Bel Santos Mayer, no artigo “Bibliotecas Comunitárias: Leitura e Escrita como Pacto de Vida”, escreve: “A apropriação da linguagem literária e a vivência coletiva das palavras novas e antigas fazem parte do nosso combinado de vida. E é assim que, da literatura e das BCs, temos feito três tipos de abrigo: colo, casa e quilombo.” (MAYER *In* LOUZADA, 2021).

Colo, casa e quilombo”, trazendo para o contexto abordado no artigo, uma tríade que nos proporciona o direito e o acesso à leitura, o prazer em partilhá-la com outras pessoas, o aconchego que nos fortalece e motiva desbravarmos outros territórios e a proteção que nos faz resistir e firmar nossas existências. Elementos que, junto ao afeto que nos aproxima e une, pode ter fins emancipatórios (MAYER *In* LOUZADA, 2021).

2.4.3 Estudos coletivos e grupos femininos, *corpus* literários. Diálogos e conexões

No início de 2022, em uma conversa com Denise Ribeiro e Daniele Tudes, as histórias dos grupos de estudo e de extensão foram relatadas. Segundo as integrantes do Literalmente Elas, duas leituras, em tempos distintos, aguçaram-lhes o desejo de um estudo mais aprofundado sobre questões relacionadas à estética, à representatividade e à beleza: *Frankenstein* (Mary Shelley) e *Terra das Mulheres* (Charlotte Perkins Gilman). Com a indicação de um terceiro livro, dessa vez teórico, *O Mito da Beleza* (Naomi Wolf), houve uma necessidade de escolher um outro formato de leitura coletiva e de encontros que pudessem dar conta de um estudo mais aprofundado. Um desejo compartilhado por algumas das integrantes do clube.

A partir dessa reflexão, acontece o convite para montar um grupo de estudos de livros não literários, apresentando como esquema de leitura encontros quinzenais e com divisões dos capítulos das obras selecionadas. O convite foi colocado inicialmente no Literalmente Elas e depois compartilhado com outras mulheres. De acordo com as palavras de Tudes Silva: “Quando olho o que nós fizemos, penso que somos fantásticas. Lemos um capítulo nos encontros quinzenais, à noite, apesar da dificuldade de conciliar rotinas e horários e vivenciarmos o período mais difícil da pandemia”

Foi assim que surgiu o novo grupo Estudos Coletivos, estudando todo o *Mito da Beleza*. Um debate importante e impactante, a despeito das lacunas que ele traz, como por exemplo, a não racialização das questões, um tema que nos é muito caro.

A fim de minimizar as lacunas e ampliar o diálogo com outros grupos sociais foram realizados três momentos de debates: “O Mito da Beleza e as Religiões de Matriz Africana: orixás femininos estereotipadas”, com a pedagoga Lílian do Carmo; “A Construção da Autoestima”, com a psicóloga Gabriela Cortes; “Trajetórias de Mulheres Negras”, com a apresentação da pesquisa da professora Cláudia Cruz do PPGEB/UERJ e exibição audiovisual de “Nós Somos Porque Somamos”.

A partir da discussão sobre a figura da escritora, para além da sua obra, outras questões foram suscitadas, como a idealização dos autores, quase metafísica, que acompanhou gerações de leitores e que hoje é concebida de uma outra forma: nós os vemos em eventos, podemos conversar com eles, ouvi-los e até mesmo ser um deles. Questões sobre a separação entre a vida e a arte, relevantes desde o início do grupo para o qual é importante discutir questões que vão além da própria obra. A leitura do segundo livro, *Memórias da Plantação*, de Grada Kilomba, contou com a participação de convidadas e com uma dinâmica acrescentada por um outro diferencial: a ideia de agregar ao debate dos capítulos outras narrativas e interações como a leitura de contos, crônicas, poesias e de imagens (fotografias, artes plásticas etc.), o que segundo Denise Lima “aconteceu naturalmente e fluuiu com a intensidade dos encontros enriquecidos pela diversidade de diálogos”. É tudo muito organizado, com roteiro, mas nada engessado, caracterizado por contribuições e partilhas que envolvem as participantes e contribuem para o crescimento individual e coletivo.

Os relatos das duas integrantes reafirmam a horizontalidade e a não hierarquização dos saberes como marcas expressivas dos grupos, que se contrapõem a outras experiências e vivências, quer no âmbito profissional ou pessoal.

Infinitas vezes, os esforços das mulheres negras para falar, quebrar o silêncio e engajar-se em debates políticos progressistas radicais enfrentam oposição. Há um elo entre a imposição de silêncio que experimentamos, a censura e o anti-intelectualismo em contextos predominantemente negros que deveriam ser um lugar de apoio (como um espaço onde só há mulheres negras), e aquela imposição de silêncio que ocorre em instituições onde se diz às mulheres negras e de cor que elas não podem ser plenamente ouvidas ou escutadas porque seus trabalhos não são suficientemente teóricos. (hooks 2013, p. 95)

Os diálogos com linguagens artísticas nos abrem possibilidades de aprofundamento. Embora seja um grupo de estudos, não é um grupo acadêmico, o que o democratiza, uma vez que é aberto à participação de mulheres interessadas, independente de vínculos com alguma instituição. “Eu passei a me enxergar de uma

outra forma. O grupo incentiva à fala e ao crescimento. Não ser avaliada, nos permite uma leveza que às vezes não temos conosco. Nem a gente imagina o conteúdo que carrega e a bagagem que aumenta a cada dia”, disse Denise Lima¹⁷.

Quando começou o período de inscrição para atividades de extensão pela UERJ, Tudes Silva, que é professora do Colégio de Aplicação da mesma universidade, escreveu um projeto a partir do grupo já existente, dialogando com a sua pesquisa de doutorado¹⁸, embora segundo ela não conseguisse ver como o grupo poderia virar algo na extensão, nem de o quanto ele é importante. O projeto foi inscrito, enviado, ainda que com a insegurança da possibilidade de uma reprovação.

O projeto não só foi aprovado, mas com o conceito excelente. A partir desse entendimento de que é um diálogo, com metodologia e rotina próprias, a palavra circula por todo mundo. Todas se colocam e ninguém sai do encontro sem falar. Essa ideia foi levada para a extensão, com atravessamentos sobre o corpo feminino (o feminino e o feminismo), com duas preocupações: é uma extensão que precisa ter olhares para todas as mulheres e a de não terminar com o grupo inicial, o Estudos Coletivos (que não é uma extensão).

Ele precisa ser preservado, até mesmo em função das pessoas que não querem ter um vínculo, um comprometimento acadêmico. São coisas intimamente ligadas, porém diferentes.

A partir da ação de extensão, surgiu o grupo Estudos Coletivos entre mulheres: sobre corpos/corpus femininos, que de acordo com o projeto inscrito

vem ao encontro da necessidade de espaços formativos que acolham as vozes de diferentes mulheres e estabeleçam um diálogo entre marcos teóricos e suas experiências possibilitando a socialização e a produção de conhecimentos. Portanto, tratamos o deslocamento do papel de objetos de pesquisas acadêmicas para o de produtoras de conhecimentos sobre seus corpos e suas trajetórias. (SILVA, 2022)

Segundo o relato da Denise Lima:

é de uma grandeza estar nesses grupos. A minha história não foi algo fácil, não é fácil ainda. Venho de um contexto muito distante desse espaço. Estar nos grupos Literalmente Elas e Estudos Coletivos é muito importante, porque

¹⁷ Denise Lima: uma das primeiras integrantes e incentivadora do Clube Literalmente Elas, participante de alguns dos outros grupos abordados na pesquisa, advogada e artesã.

¹⁸ Daniele Tudes Silva é doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – PPGEduc/UFRRJ, onde estuda a Literatura de Autoria Negra Feminina enquanto potencialidade na construção de uma Pedagogia Decolonial, ou seja, formas de ensinar e aprender que rompem com a tradição colonial.

tem me trazido uma bagagem que eu não esperava ter. Fora o acolhimento, debater os capítulos e ouvir as falas e tirar proveito de muitas coisas, é maravilhoso! Um divisor de águas! Encontrar a Dani Linhares (idealizadora do Literalmente Elas), na Casa Bosque, num evento do Clube de Leitura ZO¹⁹, em uma discussão sobre o livro *Sejamos Todos Feministas*, da escritora nigeriana Chimamanda Adichie, com uma pequena participação de pessoas negras e a maioria composta por pessoas brancas, me fez refletir sobre como elas tinham mais conhecimento da produção de autoras negras que eu, uma mulher negra.

No grupo extensionista, no primeiro ciclo, para além do estudo de *Memórias da Plantação*, de Grada Kilomba, foi escolhido também o livro *Poemas da Recordação e outros movimentos*, de Conceição Evaristo, com o objetivo de focar na colonização dos corpos de mulheres negras e as possibilidades de descolonização, tendo o gênero como eixo. Importante ressaltar que os dois grupos abordados neste tópico são compostos majoritariamente por mulheres negras, o que pauta também a escolha das autoras lidas e que vai ao encontro das aspirações das integrantes dos grupos e das propostas de diálogos externos, característicos de grupos extensionistas.

Figura 16 – Encontro para leitura de capítulos do livro da Grada Kilomba (março de 2022).



Fonte: Acervo do coletivo, 2022.

2.5. Os afluentes navegando entre versos e prosas: Coletânea *Literalmente Elas*

Entre o fluir da minha pesquisa e os encontros com os clubes de leitura e grupos de estudos, nossas águas poéticas seguem fluxos e conexões diversas. No dia 20 de

¹⁹ Coletivo Literário da Zona Oeste do Rio de Janeiro, coordenado pelo jornalista e escritor José Fontenele.

agosto, pela Editora Conexão 7, celebramos o lançamento da primeira coletânea autoral, com o título homônimo ao do coletivo.

No Ateliê Bonifácio (Centro do Rio), conhecido como um quilombo urbano, por agregar diferentes manifestações culturais, como gastronomia, moda, música e literatura afrocentradas, demos os primeiros passos e autógrafos, realizando um desejo coletivo, que surgiu ao longo dos nossos afetuosos e inspiradores saraus virtuais: a organização de um livro.

Na coletânea, dezessete mulheres tratam, em versos e prosa, das mais variadas questões pertinentes ao universo feminino e, portanto, à vida: medos, paixões, maternidade, resistência, beleza, para além dos padrões eurocentrados, trabalho, sexualidade, autoconhecimento, ancestralidade etc, valores condizentes com o espaço cultural escolhido pela editora.

Mais que os escritos, toda a feitura e organização da coletânea ficaram sob a responsabilidade das integrantes e coautoras: da belíssima capa, concebida pela designer Juliana Prado, passando pelo prefácio de Maristela Trindade, revisão de Ionara Oliveira e organização de Danielle Linhares (idealizadora do grupo) e de Ionara Oliveira, tudo foi pensado, discutido e decidido coletivamente.

Entendo a importância de destacar essa dinâmica do sonho à materialização do livro, porque penso que ela também corrobora com a concepção de quilombamento que a pesquisa procura defender.

Outro fator relevante é o de que, com exceção de uma das coautoras a quem fazemos uma homenagem póstuma, Maria Inês Linhares, mãe de Danielle Linhares, quase todas são integrantes atuantes no clube e muitas fizeram ou fazem parte, inclusive como idealizadoras, dos outros grupos de que a pesquisa também trata. Assim, o livro com suas águas poéticas se constitui também como um território de quilombamento e de confluências.

Nele, desde a concepção passando pela materialização e circulação por diferentes lugares, foram e são vivenciados os valores afro-civilizatórios que, vinculados principalmente a uma pedagogia antirracista, extrapolam os espaços não escolares, propiciando uma circulação de saberes, porque propõem uma vida melhor e abundante, em todas as suas possibilidades de manifestações.

Circularidade, cooperativismo, musicalidade, ancestralidade, ludicidade, memória, corporeidade, oralidade, ludicidade, religiosidade e axé, como energia vital (valores civilizatórios) marcam presença nos versos, prosas e percursos de leitura, letramento e de estudos dos grupos, que têm como características a resistência e opções por um modo de entender e partilhar a vida, coletiva e afetuosamente, ainda que o conflito seja inerente à condição humana. Através dele, inclusive, novas rotas e escritas podem ser (re)pensadas e vividas. Assim, tem sido...´

Do dia 20 de agosto, aos dias de hoje, o livro “filho, fruto de uma gestação coletiva”, tem seguido um bonito percurso, para além da zona oeste, onde tudo começou. Deixo as palavras de Maristela Trindade, no último parágrafo do poético prefácio da coletânea:

A imensidão do ínfimo
 É a ação amorosa e ousada de uma mulher, que estimula outras a se (re)descobrirem, extravasando o contido e criando existências, onde letras dançam em escritas depuradas e pulsantes, tal qual desejamos viver.
 Somos o que escrevemos: um ato político de amor e todo amor é livre!
 Literalmente Elas.

Deixa a poesia te levar...

O livro foi um divisor de águas na trajetória do grupo, que de um clube de leitura passou a se entender melhor e atuar como um coletivo literário, cujas atividades, convites e parcerias foram ampliados, exigindo a organização de uma agenda, a fim de nos planejarmos com mais desenvoltura e foco.

No dia 13 de setembro, nosso voo coletivo foi em direção à zona norte, no Bar do Papa, em Cascadura, numa parceria com o coletivo Literoetífico²⁰. Dessa vez, fomos conduzidas pela integrante e coautora Vanessa Muniz, para mais um lançamento do nosso livro.

Junto à primavera, florescemos e espalhamos nossos versos por São Gonçalo (município do Rio), convidadas para o “Sarau dos saraus”, na FLISGO (Festival Literário de São Gonçalo), com grupos de territórios diversos.

²⁰ Espaço Literário Suburbano criado por iniciativa do Coletivo Rolé Literário em parceria com o Bar do Papa em Cascadura.

Figura 17 - FLISGO - São Gonçalo (outubro)



Fonte: Acervo do Coletivo, 2022

Figura 18 – Magda Carvalho no sarau da FLISGO - São Gonçalo.



Fonte: Acervo do Coletivo, 2022.

Em outubro, para além de outras parcerias minhas que serão relatadas no capítulo 3, o trabalho com a divulgação do livro continuou. No dia 14, organizamos uma live e, entre diálogos e tessituras, apresentamos partes de dos bastidores de nossas “costuras”: um pouco do processo de publicação da coletânea (da concepção à realização do sonho): apresentação das coautoras e outras integrantes (por elas mesmas); leituras de alguns textos do livro, divulgação de nossa agenda (outubro e novembro) e, como um mimo a quem participou, o sorteio de um exemplar. Numa sexta poética, versos e prosas, bom papo e leveza. Celebramos, ainda que virtualmente, a escuta e as vozes femininas, em estado de magia e grandeza.

Ainda em outubro, o coletivo se dividiu em dois dias sucessivos: dia 15, na FLIRENA (Festa Literária do Renascença Clube), na respectiva sede, na zona norte e, no dia 16, para mais uma edição do Camafeu (Pedra de Guaratiba – zona oeste).

Figura 19 - FLIRENA – Andaraí, 15-10-22.



Fonte: Acervo do Coletivo, 2022.

Novembro começou com a III FLICAMP (a segunda, em função da pandemia, aconteceu de modo virtual), no dia 5.

Além de um sarau, com as companheiras do coletivo, fui convidada pelo Coletivo da Z.O a compor uma mesa para falar sobre literatura e a minha pesquisa de mestrado. Um dia de partilhas, saberes e poéticas bastante enriquecedor.

No dia 18 de novembro de 2022, algumas integrantes representaram o coletivo, na comemoração dos 419 anos de Campo Grandes, marcando a importância do bairro, não só na origem e trajetória do grupo, que tem a Zona Oeste como principal território de atuação e de comprometimento com a cultura local.

Figura 20 – Registro do lançamento da Coletânea Literalmente Elas, agosto de 2022.



Fonte: Acervo do Coletivo, 2022.

Figura 21 - Camafeu, Pedra de Guaratiba (outubro).



Fonte: Acervo do Coletivo, 2022.



Figura 22 - Camafeu, Pedra de Guaratiba (outubro). Acervo do Clube.

Figura 23– Registro do lançamento da Coletânea Literalmente Elas, agosto de 2022.



Fonte: Acervo do Coletivo, 2022.

Ainda em novembro, com o foco em um dos maiores eventos literários do Brasil, a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), o Literalmente Elas marcou presença através de algumas das suas integrantes e coautoras.

Sem saber de que forma, pressentíamos e, mais que isso, agitamos a possibilidade de expor nossa coletânea e de colocarmos nossos versos no fervo cultural, em que a cidade histórica se transforma, no respectivo período.

Graças à ousadia, que me remete a uma citação de Carolina de Jesus, e à habilidade com as palavras, fomos gentilmente acolhidas pelo espaço de resistência da “Ocupa Paraty”, através do Coletivo Somar (feira de economia solidária). Um sarau com microfone aberto e versos de luta, reverberamos afeto e força.

Para além da nossa participação, foi importante observar a presença de outros coletivos, compostos por mulheres, fazendo parte da programação off FLIP.

Num evento que agrega autores e autoras do mundo inteiro e também nacionais, renomados, sentir-se fazendo parte e, em nosso caso, independente de editais e de editoras (ainda há muito a caminhar), foi e é significativo e nos estimula a insistir e defender as pautas nas quais acreditamos. Nossa primeira FLIP foi um dos momentos mais gratificantes, da história do grupo.

Não levamos muitos livros, mas vendemos e criamos vínculos com leitoras e coletivos, que nos seguem nas redes. A comunicação foi e está aberta.

Figura 24 – Palco Ocupa Paraty, durante a FLIP, no dia 26 de novembro de 2022.



Fonte: Acervo do Coletivo, 2022

Figura 25 – Prestigiando algumas de nossas referências: Ana Maria Gonçalves e Cidinha da Silva, no dia 26 de novembro de 2022, durante a FLIP.



Fonte: Acervo do Coletivo, 2022.

Em dezembro, foram dois encontros: no dia 4, a última edição do ano do Camafeu e um encontro para a leitura do último livro do ano e uma confraternização mais que especial, unindo parte do Literalmente Elas e parte do “Aprendendo a transgredir”, no dia 12.

Fechamos o ano literário coletivo munidas pelas afetações e afetos inspirados pela leitura de Tudo sobre o amor e outras perspectivas, de bell hooks.

“Encerramos o ano de 2022, falando de amor com bell hooks. O amor coletivo, o amor que é um ato político. Doeu falar de amar, doeu refletir e pensar em nossas vivências, mas poder compartilhar trouxe conforto e afeto. Entre risos e lágrimas, bell hooks nos trouxe novas perspectivas de amor. Gratidão, ao coletivo “Aprendendo a Transgredir”, por fazer parte da nossa roda de magia. Somos amor e lutamos, resistentes, dentro desse sistema capitalista, que prega o individualismo e a competição. Somos Literalmente Elas e Transgressoras.” (Texto do Instagram do coletivo)

Figura 26 – Último encontro, do ano. Leitura de bell hooks, 22-12-22.



Fonte: Acervo do Coletivo, 2022.

Figura 27 – Último encontro, do ano. Leitura de bell hooks, 22-12-22.



Fonte: Acervo do Coletivo, 2022.

Finalizamos o ano com amor e esperança, vislumbrando um 2023 com ações e encontros férteis e frutíferos, como o que estava findando e com o sentimento partilhado de que o lançamento da coletânea nos apontou e nos apontará novos caminhos.

2023, um ano “frenético” do começo ao fim. Com o lançamento do livro, no segundo semestre de 2022, um portal com convites e possibilidades múltiplas de ações se abriu.

Novas integrantes chegaram, assim como algumas se reintegraram e outras fecharam seus ciclos de participação. Como as águas de um rio, somos cíclicas. A pesquisa não dá conta, nem é o objetivo, da ciclicidade que nos compõe e como o pertencimento e envolvimento com as atividades pressupõem um desejo individual. As subjetividades de cada uma são respeitadas, assim como o tempo, que é rei, orixá.

Foi um ano em que mais fabulamos existências pessoais do ser mulher, mãe, filha, profissional, estudante, ativista etc.

Nossas leituras nos levaram a outras experiências e vivências, para além do partilhamento de saberes que os livros nos oferecem.

Foi um ano tão ou mais fértil e “fertilizante” que o anterior. Crescemos individual e coletivamente. Nossas águas expandiram-se para que outros(as) pudessem e possam se banhar, se assim desejarem.

Dos cinco livros eleitos para o ano, resalto e relato a experiência com três de autoria negra, evidenciando a escolha política pela valorização e circulação de histórias produzidas por mulheres negras.

“Iniciamos, com ‘Eu, Tituba’, de Maryse Condé²¹, que nos convida a refletir sobre as religiões de matriz africana e as implicações recorrentes nesse mergulho. Por questões relacionadas a uma agenda repleta de eventos, o encontro aconteceu, no dia 15 de abril, no espaço da Casa Ewá²². Maryse Condé e Tituba nos presentearam com uma tarde de bruxaria, afeto, resistências e força para seguirmos nesse mundo, que ainda faz questões de nos queimar em fogueiras. Dores, sorrisos, gargalhadas e reflexão, com chá de ervas maceradas perfumando o espaço e as nossas falas. A ancestralidade, que nos sonda, nos faz imortais” (Dani Linhares, no Instagram do coletivo, 16/04/23)

²¹ Maryse Condé (Caribe, Guadalupe, 1937) que é feminista, professora emérita de francês e filologia românica na Columbia University. É autora de mais de vinte livros, de diversos gêneros literários. Em 2018 recebeu The New Academy Prize in Literature (premição criada como alternativa ao Nobel Prize de 2018, suspenso devido a um escândalo sexual na instituição).

²² Dessa vez ocupamos o espaço da Casa Ewá, em Botafogo, Zona Sul do Rio, um espaço afrorreferenciado para autocuidado e estética negra.

Figura 28 – Encontro sobre Tituba,15-04-23.



Fonte: Acervo do Coletivo, 2023.

A leitura de *Eu, Tituba* foi tão marcante, que acabou nos conectando a uma Oficina de Ervarias, em Pedra de Guaratiba. “A ervaria e as mulheres”: uma roda de conversa sobre os saberes da ervaria para a saúde feminina, dinamizado por Renata Castro²³, no dia 3 de junho. Um encontro de saberes e cuidados ancestrais.

Figura 29 – Encontro sobre Tituba,15-04-23.



Fonte: Acervo do Coletivo, 2023.

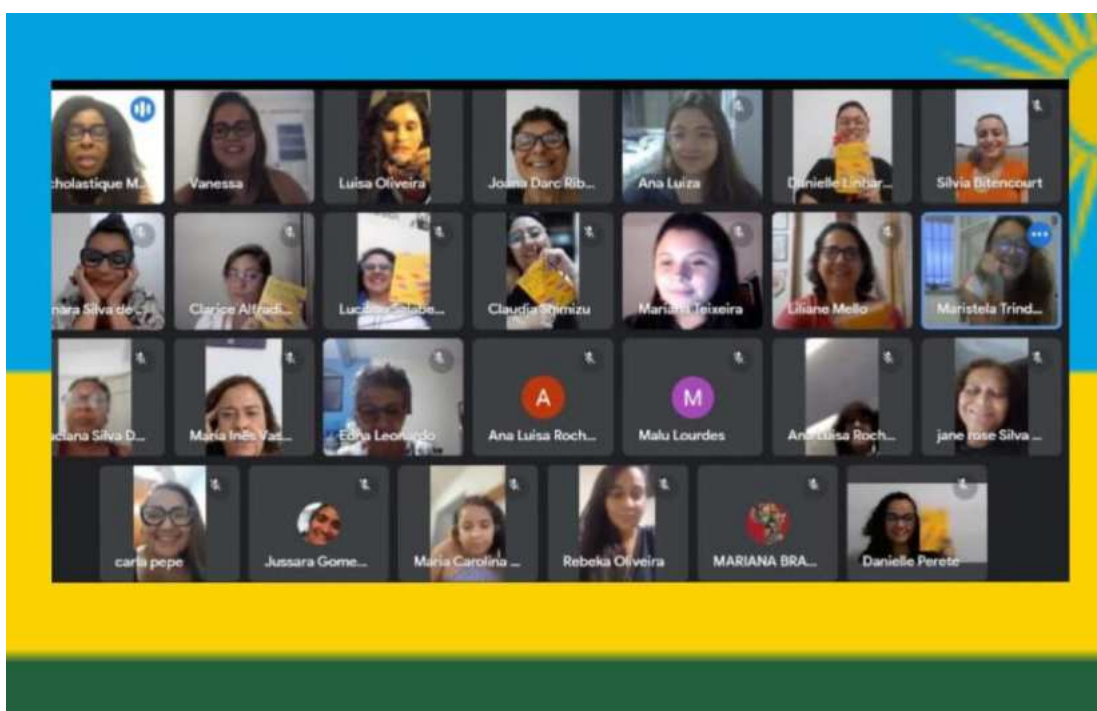
A segunda autora nos presenteou com sua presença virtual, em outubro. Conseguir “trazer” a ruandesa Scholastique Mukasonga para o encontro foi uma das

²³ “Mulher que descobriu sua história no fazer com as mãos. Fardada do Santo Daime, erveira e benzedeira. Sou um canal do poder superior” (Renata Castro)

mais emocionantes vivências do coletivo, até então. Um movimento que nos exigiu uma articulação comprometida, responsável e afetuosa, condizente com a postura generosa da autora.

Abrimos o evento para a participação de outras mulheres não pertencentes ao coletivo, a fim de que através uma “vakinha” virtual pudéssemos arrecadar uma quantia que possibilitasse a presença da autora.

Figura 30 – Encontro sobre o livro “Baratas”, outubro de 2023.



Fonte: Acervo Coletivo, 2023.

Mais uma vez, a força do coletivo mostrou-se vital para a concretização de um dos nossos desejos, quando escolhemos ler o livro “Baratas”. Um dia emocionante, que entrou para a história do grupo.

“Eu sou a memória de todos os que foram mortos. E eles me dão força. A Scolasthique, de hoje, é a força de tudo o que se perdeu. Quando eu falo com vocês, é toda a minha família que fala...”

O silêncio é impossível diante do genocídio. Não houve remédio, além de escrever...”

Figura 31 – A escritora Scholastique Mukasonga , no encontro sobre o livro “Baratas”, outubro de 2023.



Fonte. Acervo do Coletivo, 2023.

A última leitura do ano, “Canção de Ninar Menino Grande”, de Conceição de Evaristo, seria no dia 2 de dezembro, mas foi transferido para o dia 6 de janeiro de 2024.

Conceição Evaristo é uma das referências do nosso coletivo e também da minha pesquisa. Ela é “sinônimo” de aquilombamento, de Escrevivências que, para além de conceitos, são formas de existências e resistências, que defendemos e tentamos praticar.

A ideia inicial seria a de que o encontro pudesse acontecer na Casa da Escrevivência, da qual parte do coletivo foi à inauguração, no dia 23 de julho, depois de uma imersão na exposição “Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros”, no Museu de Arte do Rio (MAR). Dois momentos mágicos, relacionados a autoras, cujos livros nos marcaram. Com a Conceição Evaristo, tivemos a oportunidade de trocarmos umas palavras e registrarmos o encontro.

Pela falta de um espaço adequado, já que a Casa está em fase de ampliação, escolhemos outro local próximo, onde certamente a energia da autora, através de sua voz, letras, personagens e da história do lugar (região da Pequena África) estará conosco.

Na ocasião, confraternizaremos pelo encerramento de um ano tão rico, coletivamente, e início de 2024, o qual desejamos que também o seja.

Para além do ciclo de leituras, algumas das atividades presenciais do ano:

- Festival de Contação de História da Zona Oeste, no dia 5 de março, na Praça da Guilherme da Silveira, em Bangu. Promovido pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do RJ, através do Edital Retomada Cultural RJ 2.

Foto 32 – Festival de Contação de História da Zona Oeste.



Fonte: Acervo do Coletivo, 5-03-23.

Foto 33– Participação do Literalmente elas, no Festival de Contação de Histórias da Zona Oeste.



Fonte: Acervo do Coletivo, 5-03-23.

- Numa parceria e união com o Unidade Coletiva, a promoção de um sarau, na região da Pequena África, na região da zona portuária do Rio de Janeiro. O sarau teve como objetivo valorizar e celebrar nossa ancestralidade africana, através da exposição de vinte e cinco obras literárias, apresentação e poesia de autoras negras, danças, performances, SLAM, exposição de artes plásticas e artesanato. Uma ação que integrou os 21 Dias de Ativismo contra o racismo. O evento aconteceu na Casa Jovino e espalhou-se pelo Beco João José, no Largo na Prainha, e se estendeu pela tarde e noite, do dia 11 de março.
- No dia 10 de abril, recebemos virtualmente a pesquisadora, ativista, idealizadora e uma das gestoras e brincantes do grupo Arte Folia²⁴ e minha companheira de

²⁴ A Cia. Artefolia é um grupo de dança do Recife que teve, no momento da sua criação, a influência da Metodologia Brasília – sistematização elaborada pelo Balé Popular do Recife, a partir da observação e recriação de movimentos e passos oriundos das danças de tradição, além da transposição destas para o palco. Em sua trajetória, a Cia. Artefolia de Dança acumula um total de oito trabalhos cênicos entre espetáculos e coreografias autorais. [...] A Cia. Artefolia compreende a importância e influência de todas as pessoas que integraram o grupo desde a sua fundação, corpos potentes em suas singularidades criativas. São corpos que vêm ao longo da trajetória do grupo interferindo, moldando e repensando as próprias práticas com o contorno de cada época. [...] A Cia. está implicada com temáticas presentes na nossa estrutura social e que atravessam os corpos. Nos últimos anos, a perspectiva decolonial de

curso, no PPCult, a amiga Marília Rameh que afetuosamente partilhou conosco seus conhecimentos sobre as dinâmicas de participações em editais. Didática e criativa, uma inspiração para quem respira arte, poesia e sentimento de coletividade. PPCult é partilha de saberes, poéticas e afetos.

- “Arraiá Poético”: celebração dos cinco anos da existência do Literalmente Elas, no dia 17 de junho, na casa da Denise Ribeiro Lima, no bairro de Campo Grande, na zona oeste.
- No dia 18 de junho, participação no evento Corporalidade e Modos de re-existir, a convite do Sarau Literoetílico, em Cascadura (subúrbio carioca).

Figura 34 - Espaço Literoetílico - Cascadura (setembro).



Fonte: Acervo do Coletivo, 2023

“Nossos corpos não só um corpo, são muitos em um, porque viemos de muitas. Nossa identidade feminina é múltipla e, ao mesmo tempo, única. Que falemos de nós, em praças públicas, em bares, esquinas, em todos os lugares. Que dancemos sob a luz da lua, ao redor da fogueira, celebrando nossos corpos, existências e

atuação coletiva permeia a sua construção artística e criativa, bem como as relações entre todes artistas-criadores que integram a companhia.

‘temperos’. Somos luzeiros, galáxias inteiras. Axé, Saravá, Assim Seja.” (Carla Pepe, no Instagram do Literalmente Elas)

Figura 35 - Espaço Literoetífico - Cascadura (setembro).



Fonte: Acervo do Coletivo, 2023.

- 21-06 – Sarau Fio Cultural: apresentação da coletânea e também do trabalho individual de algumas autoras. Um encontro com outras poetas, cantores e cordelistas, na Casa Severyna, em Laranjeiras.

Figura 36 – Sarau Fio Cultural, no restaurante Casa Severyna em Laranjeiras



Fonte: Acervo do Coletivo, 2023.

- 20-07: Inauguração da Casa da Escrevivência, espaço criado pela escritora Conceição Evaristo para guardar seu acervo, outras publicações e partilhá-los com o público, em geral. A escolha do local, n na região da Pequena África, é o Beco João Inácio, número 4, Saúde (Largo da Prainha), um local simbólico, visto que é de suma importância para a população negra.

Foto 37 – Algumas Integrantes do Literalmente Elas com a escritora Conceição Evaristo, no dia da inauguração da Casa da Escrevivência.



Fonte: Acervo do Coletivo, 2023.

Figura 38– Inauguração da Casa da Escrivência, 20-07-23.



Fonte: Acervo do Coletivo, 2023.

- 22-07: Sarau Vozes do Brasil, uma ocupação artística da editora Letras Virtuais, comandada por Adriana Vaitsman, uma multiartista que publica autores independentes.

Figura 39 – Algumas integrantes do Literalmente Elas no Sarau Vozes do Brasil



Fonte: Acervo do Coletivo, 2023.

- 08-08: Recebimento do diploma Heloneida Studart²⁵, no Palácio Tiradentes, no Centro do Rio de Janeiro. O Literalmente Elas participou de uma seleção de projetos e foi reconhecido por sua notável contribuição e dedicação ao cenário cultural, que tem inspirado e enriquecido a nossa comunidade.

Figura 40 – Integrantes do Literalmente Elas recebendo o diploma junto a deputada Verônica Lima



Fonte: Acervo do Coletivo, 2023.

²⁵ O diploma Heloneida Studart de Cultura é um instrumento de reconhecimento e estímulo às boas práticas culturais promovidas no Rio de Janeiro. Criado em 2009 por meio da Resolução nº 874/09, o diploma carrega o nome da escritora e ex-deputada estadual Heloneida Studart. Eleita parlamentar seis vezes, ela se destacou por sua atuação feminista.

Figura 41 – O diploma recebido pelo Coletivo.



Fonte: Acervo do Coletivo, 2023.

- 18-08: Sarau de Oz (Parque Mambucaba, Angra dos Reis), financiado pelo Fundo Municipal de Cultura, acontecido no CIEP 495 – Alberto da Veiga Guingnard. Na ocasião, o coletivo foi representado pela leitora e coautora Tatiana Tostes²⁶, moradora da região da Costa Verde.
- 04-09: Bienal do Livro - Nosso coletivo foi representado em uma roda de conversa, no estande “Paixão de Ler”, pela integrante Vanessa Muniz. Além desse momento, houve a participação de outras integrantes em lançamentos de coletâneas distintas (nos vários dias do evento).

²⁶ Tatiana Tostes Alves: mulher, curiosa, extrovertida, escri-tora/poetisa, escorpiana, professora, amante da natureza, sonhadora, viajante e buscadora da liberdade e de momentos simples e felizes.

Figura 41 – Vanessa Muniz, representando o Coletivo Literalmente Ela, durante a Bienal 2023.



Fonte: Acervo do Coletivo, 2023.

- 14 a 16-09: O coletivo foi representando pelas integrantes Tatiana Tostes e Silvia Bitencourt da Silva²⁷, no VI Congresso de Diversidade Cultural e Interculturalidade de Angra dos Reis – UFF, com o tema “Territórios e saberes que nos constituem”.

Figura 42 – Tatiana Tostes e Silvia Bitencourt, integrantes do Coletivo Literalmente Elas, durante o VI Congresso de Diversidade Cultural e Interculturalidade de Angra dos Reis.



²⁷ Silvia da Silva: mulher negra, mãe da Giovana e pedagoga da Rede Pública

Fonte: Acervo do Coletivo, 2023.

- 23-09: Junto com Coletivo de Escritoras de Angra dos Reis e outros coletivos do Rio de Janeiro, o Literalmente Elas participou de uma roda de conversa durante a FLIM (Feira Literária de Mambucaba).

Figura 43 – Integrantes do Literalmente Elas durante a FLIM.



Fonte: Acervo do Coletivo, 2023.

- 14-10: Realização do Sarau Literalmente Elas, na Casa 11(sebo e livraria)²⁸, em Laranjeiras (Zona Sul, do Rio)

²⁸ A Casa 11 fica em Laranjeiras, quase em frente aos Instituto Nacional de Cardiologia, onde trabalham alguns médicos-sócios-livrários. Foi uma psicóloga quem teve a ideia, depois de ver num muro o grafite “Menos drogarias, mais livrarias”. [...]Os médicos desse inesperado pronto-socorro receitam a medicina milenar da poesia, dos contos e dos romances. Acreditam estar ajudando, com a cultura e os preços baratos de um sebo, na implantação de um tratamento, sem contraindicações, sem efeitos colaterais, para atacar as moléstias da cidade-paciente, sempre tão linda, mas como mostram os telejornais, à beira de ser entubada numa UTI. (Joaquim Ferreira dos Santos, Jornal O Globo, 2023)

Figura 44 – Integrantes do Literalmente Elas durante o Sarau realizado na Casa 11.



Fonte: Acervo, 2023.

- 23-10: Primavera Literária, promovido em parceria com a Casa Bosque, em Campo Grande.

Figura 45 – Joana D'arc²⁹ na Primavera Literária na Casa Bosque.



Fonte: Acervo, 2023.

²⁹ Joana D'arc: historiadora, professora antirracista e apaixonada por Literatura.

Aqui, um resumo do que foi o ano de 2023 que, para além dos eventos e ações citados, trouxe também transformações internas para o coletivo. Algumas postadas no Instagram, um canal importante de comunicação e possibilidade de registros, que compõem a trajetória e, conseqüentemente, parte da memória histórico-afetiva do grupo.

Além das ações, “passar pelo feed e stories” do coletivo proporciona o acesso a produções e publicações individuais das integrantes, como o “Sextou” autoral, uma estratégia para incentivar e valorizar a produção escrita e a divulgação dos livretos, em parceria com a designer, capista, coautora da coletânea e idealizadora do Parideira³⁰, Juliana Prado. Seu trabalho e dedicação têm proporcionado e estimulado a possibilidade de sermos publicadas, independente de editoras.

Um caminho menos custoso e igualmente prazeroso e que não nos impede de realizar projetos coletivos mais “ambiciosos”, bem como a continuidade em valorizar e celebrar a escuta e leitura de mulheres.

Como uma das ações finais do ano, que tem uma carga simbólica importante, aconteceu a troca de nossa logomarca, temporariamente substituída pela arte da capa de coletânea,

Entendemos que a anterior não estava dando conta de nos representar, e de mostrar a diversidade interna e externa. A imagem atual tem literalmente nossas peles,” águas” escritas e marcas, em batom vermelho. A mudança ocorreu a partir de tensionamentos, conversas e votação, como sempre se dão as decisões tomadas.

Para 2024, pensaremos coletivamente numa logomarca que, além de nos representar, seja utilizada em nosso estandarte, bem como em outros produtos relacionados aos nossos projetos e atuações.

³⁰ Perfil criado por Juliana Prado, no Instagram, com o objetivo de ajudar a criar peças gráficas e editoriais.

CAPÍTULO 3. Vozes mulheres: tecendo diálogos e circulando saberes. Relatos de experiências político-poético-pedagógicas, com as autoras Conceição Evaristo, Lélia Gonzales e Carolina Maria de Jesus

“O que eu tenho pontuado é isso: é o direito da escrita e da leitura que o povo pede, que o povo demanda. É um direito de qualquer um, escrevendo ou não segundas as normas cultas da língua. É um direito que as pessoas também querem exercer. “

Conceição Evaristo

“Eu disse: o meu sonho é escrever!
Responde o branco: ela é louca.
O que as negras devem fazer...
É ir pro tanque lavar roupa.”

Carolina Maria de Jesus

A partir da minha inserção em oficinas de escrita, coletivos de leitura e grupos de estudos organizados e compostos por mulheres que estudam e leem a literatura (ficcional e não ficcional) de mulheres e, prioritariamente de autoria negra, pautas abordadas no capítulo anterior, tudo reacendeu em mim o desejo de retornar à Academia e eleger a leitura e a literatura de mulheres, dentro de espaços coletivos, como principal tema da pesquisa, concomitante às minhas práticas pedagógicas, em territórios distintos.

Embora sempre me entendendo como uma professora estudiosa, mas não me vendo no lugar de intelectual e pesquisadora, lugares sobre os quais passei a refletir, durante o contato com os pensamentos de mulheres, como bell hooks, Conceição Evaristo, Lélia Gonzales, Chimamanda Adichie, Gloria Anzaldúa e outras, tanto nos

coletivos, como nas aulas do mestrado, o que foi decisivo na minha trajetória e entendimento do direito não só a literatura, como também ao de narrar minhas próprias histórias, das quais essa dissertação é fruto. Uma trajetória marcada por muitos questionamentos, desconfortos e insegurança, mas que são coerentes com a minha história de vida e escolha temática.

Um desejo de preencher lacunas de uma graduação e especialização marcadas por leituras muito pautadas no colonialismo e visão eurocêntrica dos saberes e do mundo. A partir do conhecimento e do reconhecimento da importância de não me limitar ao que fora absorvido no passado de estudante, entender que esse lugar, para uma professora comprometida com uma educação libertadora e transformadora, é de movimentos, mudanças, autocrítica e busca constante por outros saberes e formas de alcançá-los e que estes não se resumam apenas aos espaços de educação escolar/acadêmica. É essa a energia que me mobiliza a estar no lugar de aprendiz e também de propagadora.

O projeto “Lendo Mulheres Negras” surge a partir da minha incursão em grupos já citados anteriormente e tem como inspiração um curso chamado “Lendo Mulheres”, realizado no Colégio Pedro II (São Cristóvão), no qual a turma, formada majoritariamente por mulheres e professoras, teve acesso a um vasto material e aulas motivadoras, acerca de autoras de diferentes épocas e lugares do mundo.

Dentro de uma perspectiva mais ampla, entendendo que a Literatura é também um campo de disputa de narrativas, ao transformar a minha vivência como aluna em um desejo de prática, como professora e mediadora de leitura, optei por fazer um recorte racial e geográfico e trabalhar com autoras negras brasileiras. Para além de uma perspectiva de gênero, pensando na importância da dimensão racial como a de incluir mulheres negras, que geralmente são excluídas quando se trata do direito ao exercício da intelectualidade.

É o conceito ocidental sexista/racista de quem e o que é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca, toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente, torna o domínio intelectual um lugar “interdito”. Como nossas ancestrais do século XIX, só através da resistência ativa exigimos nossos direitos de afirmar uma presença intelectual. O sexismo e o racismo, atuando juntos, perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. Desde a escravidão até hoje, o corpo da negra tem sido visto pelos ocidentais como

símbolo quintessencial de uma presença feminina “natural”, orgânica, mais próxima da natureza, animalística e primitiva. (hooks, 1995, p.468)

O diálogo com as questões étnico-raciais, a partir da Literatura, consiste em um modo de trabalhar noções de representatividade positiva, pertencimento e protagonismo, traz para a escola pautas que não são inerentes apenas a ela, mas à sociedade como um todo, possibilitando um convívio mais humano e respeitoso não só em relação às pluralidades e diversidades que nos constituem, como também à nossa história e formação enquanto povo.

Importante pensar que a promulgação da lei 10.639/03, que institui a obrigatoriedade do ensino das Histórias e Culturas africanas e afro-brasileiras e sua implementação são fundamentais para o combate à ausência de representatividade, que contribuiu durante séculos para a perspectiva de que exista uma “história única”, enfatizando estereótipos que ignoram outras existências e culturas.

“A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que ele seja incompleto. Eles fazem uma história tornar-se a única história. A consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas sua dignidade, dificultando o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada, enfatizando como nós somos diferentes, ao invés de como somos semelhantes. [...] Quando rejeitamos a única história, e percebemos que nunca há uma única história sobre lugar nenhum, nós reconquistamos um tipo de paraíso. (ADICHE, 2019)

Pensando no respeito à diversidade e às subjetividades, é fundamental que tenhamos acessos a outras formas de se pensar e fazer Literatura, para além da considerada canônica. Nesse sentido, o conceito de *Escrevivência*, criado pela escritora Conceição Evaristo e fundamentado na autoria de mulheres negras, a partir de seus cotidianos, de lembranças e de experiências de vida, nos faz pensar e questionar sobre a importância de reivindicar o direito e o acesso a uma Literatura que nos represente individual e coletivamente. É a Literatura trabalhada como identidade e memória, refletindo a oralidade tão presente nas culturas tradicionais africanas e de imenso valor, tanto quanto a capacidade de registrá-las.

Viver a poesia em tais circunstâncias, de certa forma, é assegurar o direito à fala, pois pela criação poética pode-se ocupar um lugar vazio apresentando uma contrafala ao discurso oficial, ao discurso de poder. (Conceição Evaristo)

Reconhecer, na autoridade de mulheres negras, a importância de vozes insurgentes, como aborda Bianca Santana, é a chance de criar mundos possíveis para todos e todas. Acreditando ser esse um dos grandes desafios de quem atua na área da

Educação, como o compromisso antirracista, essa é, também, uma das motivações para a realização do trabalho.

Em tempos nos quais parece que temos uma revolução não parida, um grito sufocado na garganta, ler palavras de luta e doçura estimula-nos, acalenta-nos. Nesse sentido, “nossos passos vêm de longe” não é um *slogan*, é a verdade narrada por essas mulheres que sempre lutaram. Que disseram o que os outros tinham medo de dizer. São vozes potentes, são vozes que foram subalternizadas por séculos. São vozes INSURGENTES. (GONÇALVES, 2019)

A escolha por desenvolver um projeto que seja voltado, principalmente para escolas, inicialmente está relacionada à minha atuação como professora antirracista. Com a minha participação em coletivos, igualmente antirracistas, a leitura e literatura passaram a ser também temas diretamente relacionados à minha pesquisa, nos quais o entendimento de como partilhas e saberes podem reverberar, em outros territórios e espaços de atuação, ganharam novos olhares, perspectivas e dimensões.

Reitero que o “Lendo Mulheres Negras” é um projeto pedagógico, no qual busco relacionar teorias, conceitos e referências que formam uma base metodológica à minha prática no “chão” da escola. Então, procuro trazer nesse bojo intelectuais, cujos pensamentos tive acesso, não só dentro da academia, mas nos grupos dos quais participei e participo, bem como dos cursos de formação e da leitura de autoras de ficção, que selecionei.

Valorizar as vozes e escritas dessas autoras, tanto para a fundamentação teórica, quanto para o desenvolvimento das atividades com estudantes e outros possíveis públicos, é um exercício constante de reflexão, crítica e desconstrução de modelos hegemônicos.

Uma escolha política

A escolha por trabalhar com autorias negras brasileiras e, mais especificamente femininas, passa por um posicionamento político também, que me atravessa enquanto mulher negra, professora e pesquisadora.

Aqui, não se trata de negar a existência da literatura clássica, canônica, entendida, numa perspectiva hegemônica, como a universal, mas de questionar e propor novos olhares para a nossa história, para nós mesmas e valorizar o protagonismo negro na Literatura, para além dos estereótipos em que mulheres foram “enquadradas”, em papéis quase sempre relacionadas aos cuidados e à servidão ao outro, como Lélia

Gonzalez, por exemplo, enfatizou em toda a sua obra, em entrevistas e em falas contundentes, em diferentes espaços e momentos.

Uma das propostas do “Lendo Mulheres Negras” é destacar esse protagonismo, tanto a partir de quem escreve, quanto à criação de personagens, ou a partir do olhar do lirismo, no caso de textos em versos. Ainda que seja uma Literatura que apresente imagens estereotipadas, que elas nos levem à reflexão e à necessidade de entendermos a importância de uma desconstrução/ destruição desses lugares reducionistas, que corroboram com o racismo vigente.

Imagens e palavras possuem uma força que, se devidamente utilizadas na luta antirracista, podem ser ótimas aliadas, não só porque mexem com o simbólico (como a arte, em geral), mas porque podem propor novas visões sobre a vida e as estruturas da sociedade. Levar, através da Literatura, a possibilidade de dialogar sobre questões raciais, nos possibilita abordar temas, como: representatividade, ancestralidade, pertencimento, feminismo negro, masculinidades, protagonismo, dentre outros, e não só a partir de livros e/ou autoras selecionadas, mas exercitar o olhar a partir do próprio contexto escolar, comunitário, social, nos quais estamos inseridos como professores, alunos e cidadãos.

Com dinâmicas que procuram romper com paradigmas estabelecidos, ampliamos o universo de possibilidades de ouvir e contar histórias e até inspirar a criação de outras, em consonância com uma pluralidade de linguagens e visões de mundo.

Uma educação, que se faz como descolonização, passa pela emergência de desaprender do cânone. A desaprendizagem não perpassa pela negação de determinadas presenças e saberes, mas pelo destronamento. (Luiz Rufino)

Sobre as autoras selecionadas

Ao reunir mulheres de gerações distintas, do século XIX aos dias de hoje, o projeto tenta enfatizar que mulheres negras, além da riqueza de uma oralidade, que caracteriza povos diaspóricos, sempre escreveram, ainda que suas produções não se insiram em um modelo canônico e eurocentrado e sejam/ tenham sido marcadas por um processo de invisibilidade, cuja ideia é justamente combatê-la. Um trabalho que, ainda que seja considerado “pequeno”, pelo alcance, pode reverberar em outros espaços e mentalidades, a partir de ações individuais e coletivas, além da sala de aula. Como professora, preciso acreditar nisso.

As cinco autoras escolhidas, de alguma forma, apresentam semelhanças em suas biografias, trajetórias de luta e, principalmente, o amor pela linguagem, pelas palavras faladas e escritas e foram ou são movidas pelo desejo de contar histórias, nas quais outras pessoas se reconheçam. É o que a intelectual negra Vilma Piedade (2019) conceitua como *dororidade*: “a capacidade de transformar dores comuns em potência, não só de escrita, mas de vida, de existência”. Um conceito que também dialoga com o de *escrevivência*, já abordado, anteriormente.

Para além das semelhanças entre as autoras, é importante entender que, além das questões intergeracionais, cada uma tem suas peculiaridades e subjetividades, enquanto mulheres e escritoras, e que dentro de um universo amplo de possibilidades, suas literaturas podem tratar de quaisquer temas como a Literatura concebida como “universal”: amor, medos, paixões, alegrias, conflitos existenciais, perdas, sonhos etc. Reduzi-las somente à ideia de dor, seria corroborar com a manutenção de estereótipos.

Protagonizam o projeto: Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Elisa Lucinda e Ryane Leão. Todas autoras lidas no Literalmente Elas, inclusive.

Entre trechos de suas prosas e poéticas, um pequeno resumo de suas biografias é apresentado, em formato físico, junto a livros de outras escritoras negras. Uma forma de mostrar que o trabalho não dá conta da quantidade de autoras, que merecem visibilidade e protagonismo, mas deixa a mensagem de que há tantas outras a serem (re)conhecidas e valorizadas.

A arrumação do espaço, sempre que possível, propõe uma dinâmica diferente da vivida no cotidiano escolar, em uma atmosfera que inspire e proporcione uma mediação e partilhas fora do modelo “convencional”. Uma estrutura de “roda” ou semicírculo é a ideal e coerente com o conceito de circularidade (valor afro-civilizatório). Transitamos entre uma roda de conversa e um café literário, com atividades que preenchem um turno, pensando na organização e funcionamento de um dia escolar. Mas, como uma proposta de atividade extracurricular, ainda que um cronograma seja necessário, pode ser fluído.

O encontro com a poesia, a literatura e a escuta atenta ao que os alunos também trazem (suas histórias, questionamentos e participações) não cabem em uma rigidez.

Eles têm e precisam ter momentos de fala e de interação. Para isso, dinâmicas também são pensadas e realizadas.

Vozes Insurgentes: uma síntese sobre as autoras trabalhadas em “Lendo Mulheres Negras”

Maria Firmino dos Reis (1822 – 1917)

Pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação de homens ilustrados. (REIS, 2004)

Primeira romancista negra do Brasil, Maria Firmino dos Reis, além de escritora, foi educadora e alfabetizou ex-escravizados. *Úrsula* (1859), sua principal obra, ainda que no contexto idealizado da Escola Romântica, é um importante documento de época do Brasil Oitocentista. Sua estética abolicionista não despreza a humanidade negada aos negros, durante o período da escravidão, o que é perceptível nos romances da referida época.

Maria Firmina, ao criar personagens africanos e situá-los no plano narrativo com vozes e características próprias, sem a contaminação dos discursos estereotipados, tanto dos liberais que favoreciam o abolicionismo, e menos ainda sem a interferência dos conservadores que defendiam ainda a permanência do tráfico negreiro. A autora, dentro dos limites do seu tempo, confere outra dimensão ao negro no Brasil: a dimensão do humano.

O trecho inicial que destaca a fala da autora revela a sua conscientização em relação à invisibilidade e posterior apagamento que sofreu, por ser mulher e negra, em um país onde negros não eram vistos sequer como pessoas, dirá como intelectuais. A voz que ela dá aos seus personagens, assim como a sua, tem como resposta o silenciamento e o *embranquecimento* de sua imagem, algo bem peculiar da Literatura da época e não apenas em relação às autoras negras.

Um dos casos mais emblemáticos é o acontecido com a figura de Machado de Assis, como revela Tom Farias, jornalista, escritor e um dos biógrafos de Carolina Maria de Jesus:

Das tentativas de embranquecer Machado de Assis às exclusões de inúmeros escritores das academias e do cânone, a história literária brasileira reflete um profundo processo ideológico de silenciar a voz e apagar o legado de autores negros (...)

Fundamental dizer que, diante dos obstáculos da época, ou até mesmo em função deles, a escritora e professora é considerada uma mulher à frente do seu tempo e uma das provas de que, no Brasil, mulheres negras sempre escreveram.

Carolina Maria de Jesus (1914- 1977)

“Deixei o leio para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades [...] É preciso criar esse ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela”. (JESUS, 2000, p. 52)

No trecho, uma pequena demonstração da potência da escritora Carolina de Jesus, que reivindica para si o sonho e o direito de escrever. Uma utopia que move o seu “esperançar” por mudanças, não só individuais, mas coletivas. Consciente das mazelas sociais das quais a população negra sofre, sua voz, obras e a própria existência marcam um posicionamento crítico e político diante das contradições e desigualdades.

Retomando a limitação que os estereótipos costumam nos impor (*O perigo da história única* – (ADICHIE, 2015)) e propondo uma desconstrução, pensar no vanguardismo da autora, hoje, é não reduzi-la ao estigma de favelada e ir além da leitura de *Quarto de despejo* (1960), sua obra mais conhecida e traduzida para vários países.

Carolina de Jesus é um mundo de poesias, relatos, letras de músicas, diários e romances a ser desbravado, a partir do que já foi publicado e de um material inédito. Desafiando preconceitos referentes à raça, à classe e ao gênero, a autora e sua escrita, fora dos padrões tidos como normativos, seguem, mesmo depois de sua morte, enriquecendo a nossa literatura, a despeito dos incômodos de quem se coloca no lugar de definir “o que é e o que não é Literatura.”

Conceição Evaristo (1946 -)

Escrever é dar movimento à dança – canto que meu corpo não executa. A poesia é a senha que invento para poder acessar o mundo.

(Cadernos Negros, 25)

Escritora inspiração do meu projeto de pesquisa “Vozes Mulheres”, Conceição Evaristo é uma professora que não cresceu cercada de livros, mas cercada de palavras, com as quais “dança”, “canta”, encanta e cria conceitos, como o de *Escrevivência*, e propõe um novo olhar sobre termos como *aquilombar* e *aquilombamento*.

Com sua voz, Conceição Evaristo traz outras vozes tradicionalmente silenciadas e marginalizadas pela sociedade brasileira e defende o Quilombismo/Aquilombamento, conceito metáfora, ideia motriz, como espaço de insurgência, para além da ideia geográfica, como espaço de construção coletiva em que o negro seja autor e tema de sua própria fala. Espaços ligados à ideia original de quilombo, nos quais resistência, sobrevivência, memória, identidade e ancestralidade sejam forças vitais.

Com suas poesias, contos e romances, a autora que só ficou conhecida depois dos setenta anos, porque para autores negros, principalmente mulheres, escrever não necessariamente está atrelado a publicar, é um dos principais nomes da nossa Literatura.

Elisa Lucinda (1958 -)

Me assusta e acalma
 Ser portadora de várias almas
 De um só som comum eco
 Ser reverberante
 Espelho, semelhante
 Ser a boca
 Ser a dona da palavra sem dono
 De tanto dono que tem”

(O poema do Semelhante)

Atriz, cantora, poeta, dramaturga, criadora do projeto “Poesia Viva” e da “Casa Poema”, Elisa Lucinda, com sua voz marcante, trata “com ousadia a alma feminina e os sentimentos corriqueiros, seus trabalhos assumem a forma de crônica da vida cotidiana, que ela define como “poesia-chão.”

Tem a arte-educação como um dos seus focos e além de protagonizar seus próprios textos, transita por outras poéticas e linguagens e defende uma poesia viva, que dialogue com o leitor/público. Em 2017, saiu em defesa de Carolina Maria de Jesus, com o manifesto: *Carolina Maria de Jesus é literatura sim!* Uma resposta à fala do acadêmico Ivan Cavalcante Proença que, durante um evento em que a escritora foi homenageada, disse que “o que ela fazia não era Literatura”. Segundo Elisa Lucinda, ele cometeu “a grande gafe eurocêntrica.”

Naquele momento ela foi não só a “boca” de Carolina de Jesus, mas a voz pela qual muitas pessoas sentiram-se representadas.

Ryane Leão (1988 -)

“Cada vez que encontro outras mulheres para partilhar histórias nos tornamos terra fértil”

(Ryane Leão)

Professora e poeta, antes de publicar os seus livros (fenômenos de venda), já divulgava seus textos nas redes sociais (Facebook, Instagram e YouTube, onde tem um canal) e pelas ruas, onde lambe-lambes com seus versos ocupavam espaços na cidade,

em um movimento em que “corpo e palavra juntam-se, num ato político e revolucionário”.

Criadora do Projeto poético “Onde jazz meu coração”, a multiartista, frequentadora de saraus e *slams* da cidade de São Paulo, utiliza-se de brechas e sagacidades para, como diz Michel de Certeau, criar estratégias de circulação (CERTEAU, 1998, p. 103).

Dentro das atividades propostas pelo “Lendo Mulheres Negras”, os versos da autora são utilizados para, de maneira lúdica, apresentarem uma dinâmica de interação com os estudantes, na qual versos escritos em folhas dobradas no formato de envelopes (*envelopoemas*) são escolhidos aleatoriamente e apresentados como um sarau “improvisado”.

Aqui, também, uma estratégia de divulgação da Literatura e um estímulo à leitura. Um convite à partilha, à reflexão e, conseqüentemente, à conscientização de que leitura e escrita são direitos de todos e todas.

O que essas mulheres de diferentes gerações têm em comum? Além do fato de serem mulheres negras e terem enfrentado/enfrentarem, cada qual em seus contextos e limites, a estrutura racista e patriarcal da sociedade?

Conceição Evaristo conheceu a Literatura de Carolina de Jesus, através da própria mãe. As duas escritoras trazem em suas bagagens, a forte presença da oralidade, marca de suas infâncias pobres de livros, mas ricas em histórias contadas e encantadas.

Elisa Lucinda, com o compromisso de fazer com a poesia uma escola viva, ecoa não só os próprios versos, mas os de várias outras vozes que representam, também, uma negritude. Não “à toa”, a sua defesa à Literatura e à pessoa de Carolina de Jesus, conforme o já explicado.

Ryane Leão, na esteira da oralidade (característica ancestral), leva seus versos às ruas, quer nos saraus, *slams* ou colados em postes e muros da cidade.

Todas, de alguma forma, “herdeiras” da voz abolicionista de Maria Firmina dos Reis, que abriu caminhos para que mulheres negras pudessem e possam realizar o desejo ou a necessidade da escrita, como um modo de serem e estarem no mundo que, muitas vezes, nos quer oprimidas e silenciadas. “Publicar, ler e estudar a produção

intelectual de mulheres negras forja novas epistemologias, valorizando-as, individual e coletivamente, como sujeitos de conhecimento.” (SANTANA, p. 300).

3.1 - Estágio docente – um mergulho na biografia e obras de Carolina de Jesus: estereótipos da mulher negra e preconceito lingüístico

Pensando em todo o contexto já abordado, ainda que não tenha sido obrigatório fazer o estágio docente, foi de suma importância passar pela experiência. Afinal, a sala de aula é um território pelo qual transitei a vida toda e estar junto a uma turma de graduação foi um desafio que, graças ao apoio da minha orientadora, Rôssi Alves, e do prof. Marildo Nercolini, com os quais fiz a disciplina de Culturas Urbanas, trouxe-me o entendimento de que seria importante exercitar minha linguagem e conhecimentos para tal segmento.

A importância de relatar o que o estágio representou para mim, é porque a partir dele outros trabalhos e atividades que serão relatados tornaram-se possíveis. O que pretendo, com esse capítulo final, é de certa forma olhar a “Jonara” antes, durante e depois do Mestrado e , como trabalhar esse caminho foi e é crucial para entender-me como pesquisadora, que alia teorias a práticas que serão levadas para a vida, não só dentro do universo acadêmico. Algo que se mostra coerente, segundo o meu entendimento, como a defesa da literatura como um direito a toda e qualquer pessoa, independente do seu nível de escolaridade e/ou títulos acadêmicos.

Para a escolha do tema da minha aula, resolvi levar uma das autoras do projeto “Lendo Mulheres Negras”. Carolina Maria de Jesus, uma intelectual não acadêmica, porém recentemente diplomada com o título de Doutora Honoris Causa, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 25 de fevereiro de 2021. Uma autora que, assim como a diversidade que o PPCULT acolhe, pode ser estudada por diferentes áreas do conhecimento, tendo em vista sua biografia e formas de olhar, compreender o país e colocar suas percepções em obras marcadas por uma criticidade e olhar poético únicos.

Carolina de Jesus: corpo e voz no mundo, estereótipos da mulher negra e preconceitos lingüísticos. Com a escolha desse tema, levei para dialogar com a literatura da autora mineira, da qual lemos nos coletivos, Quarto de Despejo, Diário de Bitita e Casa de Alvenaria, autoras também lidas em oficinas de escrita, grupos de estudos e “presença” em nossos saraus: Lélia Gonzales, Chimamanda Adiche e Elisa Lucinda.

A ideia de “Corpo e voz no mundo” partiu de um entendimento da inadequação que a autora sentia, desde criança, em todos os territórios por onde transitou, desde

Sacramento, sua cidade natal, até sua odisseia e chegada a São Paulo. E não só pelos lugares, mas também pelas ocupações, papéis exercidos e tudo o que precisou fazer para sobreviver. Um corpo “indesejável”, “invisível”, que sofreu diversas violências, literais e simbólicas, até mesmo depois de reconhecida, com a publicação e a fama pelo primeiro e mais vendido dos seus livros: O quarto de despejo. Uma vez que não se deixou calar, ainda que muitos se recusassem a ouvi-la, uma voz que, cansada, só se calou pela crise de asma, que a levou à morte precoce, aos 63 anos.

Uma voz que para os seus leitores, admiradores e pesquisadores precisa ser levada a territórios e públicos distintos. Com Carolina, foram abordados os estereótipos da mulher negra, segundo a intelectual Lélia Gonzales, de quem estudamos alguns dos ensaios do livro “Por um feminismo afro-latino-americano, e do qual escolhi “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, ensaio que, inclusive, mediei uma leitura, numa das atividades propostas da disciplina Cultura e Usos do Corpo, com as professoras Marina Frydberg e Ohana Boy.

Lélia Gonzales aborda e critica o mito da democracia racial, no Brasil, como uma base frágil que não se sustenta e nos provoca a negação do racismo, como um projeto político, que dificulta a discussão de pautas raciais por não serem entendidas como legítimas, em uma sociedade com valores embranquecidos.

Nos estereótipos estudados por Lélia: o da mulata, o da mãe preta e o da mucama, pensando ainda numa visão colonial, percebemos que, com algumas distinções, são estereótipos, ainda hoje, existentes. Alguns deles afetaram Carolina de Jesus diretamente visto que, como uma mulher preta, não poderia ser reconhecida como uma leitora, o que a levou à prisão, juntamente com sua mãe e que se configura num ato de extrema violência, não apenas física, mas simbólica. Uma inadequação em sua própria cidade, pois era vista como uma aberração o que a levou a peregrinar pelas ruas e por casas onde exerceu a função de empregada doméstica, antes da primeira gravidez e a chegada ao Canindé (São Paulo).

Ao falar sobre o preconceito/racismo linguístico sofrido por Carolina, por escrever fora do padrão considerado culto, pelos cânones, levei o PRETUGUÊS, um conceito de Lélia Gonzales, que abarca o falar da Língua Portuguesa, não aos moldes eurocentrados, e falares que não podem ser encaixados na dicotomia “certo ou errado”, de um modelo que desconsidera a oralidade e a fonética de determinados grupos/ etnias e que a

diáspora não conseguiu extinguir. São falares que trazemos nas marcas do português brasileiro.

Quando Lélia subverte o conceito de “lixo”, no ensaio-discurso e afirma: “agora, o lixo vai falar”, é a reivindicação de que de objetos de estudos passemos a protagonistas de nossas próprias histórias. Ela reivindica que vozes negras sejam ouvidas e respeitadas, em um ambiente que apresentava como marca a hostilidade a qualquer tipo de diferença, que não fizesse parte de um saber considerado hegemônico: a universidade.

Ao planejar e pôr em prática essa aula, um dos meus objetivos foi mostrar para os alunos a grandiosidade de uma intelectual orgânica, que possuía um projeto de escrita, de si e do mundo, e que estas se entrecruzavam nos vários papéis exercidos por Carolina de Jesus, ao longo de sua vida.

Fotos da aula

No encerramento, utilizei o vídeo da cantora baiana Luedji Luna, da música *Um corpo no mundo*. A ideia surgiu, a partir em uma das aulas de disciplina *Cultura e Usos do Corpo*, na qual o vídeo fora apresentado para um exercício de intertextualidade e reflexões: que corpos são esses, que não se sentem pertencentes? Quem tem o direito à cidade?

A construção da minha aula se deu a partir das autoras que li junto aos coletivos e nas aulas do Mestrado, principalmente, nas disciplinas *Cultura e Usos do Corpo*, *Culturas Urbanas*, *Cultura e Territorialidades* e, também, das minhas reflexões sobre meu entendimento como pesquisadora e intelectual, para o qual ler mulheres como bell hooks, Gloria Anzaldúa, Lélia Gonzales e outras, como afirmei em outros momentos, tem contribuído para a desconstrução de algumas ideias perversas trazidas pelo racismo, que nos atravessam, principalmente em meios considerados elitistas.

O fato é que, a despeito das inseguranças, a aula foi muito bem recebida e foi um momento de trocas e participações que a enriqueceram e me deram energia para desejar dar continuidade ao meu trabalho, para além do estágio, e que, pra mim, teve uma importância imensurável no meu percurso, dentro e fora da Academia.

3.2 Carolina(s): um mundo de papéis: um projeto interdisciplinar. Uma parceria com o Observatório Carioca de História em Quadrinhos

Motivada pela receptividade da aula e movida pela ideia de que a coletividade é um ingrediente poderoso para a fermentação de ideias, procurei o Observatório Carioca de HQ's, através do qual já havia conhecido o livro de Sirlene Barbosa e João Pinheiro: Carolina, uma história contada no formato de HQ., ou seja, mais uma possibilidade de linguagem para dialogar com o universo “Carolinesco”.

Propus uma parceria para que montássemos um projeto interdisciplinar e fluido que, assim como as múltiplas linguagens com as quais poderíamos trabalhar: os livros, a HQ, a música, os clipes, os lambes etc, dependendo do contexto, pode funcionar como aula, palestra, roda de conversa ou oficina.

Proposta aceita, mentes fervilhando, trocas constantes de ideias, referências bibliográficas e, obviamente, dúvidas e algumas discordâncias, chegamos à concepção de “Carolina(s): um mundo de papéis”.

Ainda num momento de pandemia, por esta condição e distância geográfica, a parceria e toda a dinâmica envolvida ocorreram de forma remota.

O Observatório já trazia em sua bagagem um repertório de cursos sobre Cultura Pop, Negritude e Poderes, estudo sobre heróis e heroínas negras, da ficção. Nesse contexto, foi um desafio para os dois lados. Para o meu, porque mesmo habituada à sala de aula, seria a primeira vez a participar pedagogicamente de algo fora de um currículo escolar, ainda que as minhas aulas não se prendessem a um modelo “engessado” e para o Observatório, por ter como protagonista uma mulher plural, cuja existência e legado são fatos.

Um desafio que, a cada edição, ganha novos contornos e elementos agregadores. Um encontro que, nos modos virtual ou presencial, foi iniciado a partir do segundo semestre de 2022 e que, a cada nova edição, nunca se reinventa com novos elementos e dinâmicas.

Carolina(s): um mundo de papéis e as estradas e territórios por onde caminhamos

Projeto Pétalas Escritas

Carolina é das águas,
mas também é vento!
Uma ventania chamada Bitita,
que chegou a SP, vinda de Sacramento.
E, hoje, vamos reverenciar
sua existência e escritas
Não é que ela realizou parte de um sonho?
Ganhou o mundo,
mesmo com todas as “feridas”!
Carolina, Bitita, pra sempre menina,
que sonhou mudar de vida...
Seguiu sua sina!
Ela comove, provoca, ensina...
Com relatos, poesia e leitura da vida,
ela é corpo, é voz, um mundo
um mundo de papéis,
que nos convoca
a sairmos das “caixinhas”
e a explorarmos o que nela,
e em nós,
há de mais profundo.

(Ionara de Oliveira, 11-08-22)

“E quando você encontrou Carolina”? Pergunta que nos fez imergir no curso “Carolina(s): um mundo de papéis”, cujos objetivos são: compartilhar conversas que já tínhamos, reflexões, incômodos e homenagear a autora, trazendo outras epistemologias, metodologias, referências bibliográficas e propostas de exercícios de escrita, coerentes com as diferentes faixas etárias e contextos apresentados.

Entre metáforas, versos, reflexões e algumas perguntas, aparentemente simples: quantas autoras negras você já leu? Quem você chamaria para tomar um café? Quem você colocaria no seu livro? As edições do nosso curso transcorrem de maneira lúdica,

até pela metodologia e linguagens que utilizamos, sem abrir mão da complexidade que marca a biografia da autora, seus múltiplos papéis (costumamos dizer que ela é um “multiverso”) e inadequações, na sociedade brasileira dos anos 60.

Como recursos, utilizamos slides preparados, em parceria, e que nos possibilitam a abordagem do conteúdo, de um modo mais fluido e interativo. Assim, ainda que as duas primeiras edições tenham acontecido de modo remoto, pelas questões relacionadas ao momento da pandemia, havia também a realidade da distância geográfica. No primeiro grupo, havia pessoas de outros municípios e estados, que não o Rio de Janeiro.

A segunda edição, mais “intimista”, foi uma conexão Brasil-México (UNALT). Só possível, porque foi remota.

Nos dois casos, a interação, a interlocução e o “aquilombamento” virtual não foram prejudicados pela distância. Compartilhamos as Escrevivências da autora, propusemos diálogos com conceitos e citações de outras, como Conceição Evaristo e Lélia Gonzales. E, ainda Chimamanda Adichie, além do texto-desabafo da escritora e atriz Elisa Lucinda³¹, em defesa da Literatura de Carolina. Essas foram nossas primeiras referências bibliográficas e edições do ano de 2022.

Em 2023, o projeto ganhou novos contornos, a partir de convites, demandas e nossas respectivas condições de atendê-los.

No dia 23 de março, após um convite da arte-educadora, geógrafa e artista plástica, Fabiana de Oliveira, que trabalha com reaproveitamento criativo de materiais e da Hada Rúbia, que participaram da edição do curso, visitei a CoopCarmo (Cooperativa Mista de Coleta Seletiva), na Baixada Fluminense.

Conhecer outras “Carolinas”, que juntas fazem a história da cooperativa mista, que completou trinta anos, assim como conhecer pessoalmente a Hada Rúbia e, pela segunda vez, estar com a Fabiana Oliveira, a primeira foi em um evento no espaço Calouste Gulbenkian, em uma exposição e encenação de um espetáculo sobre Carolina de Jesus, por alunos da 6ª CRE). Duas mulheres incríveis, enganadas em atividades e ações transformadoras, que acreditaram na proposta do nosso curso. Sinônimos de emoção e alegria, por percebermos que nossas palavras, para além de pedagógicas, podem afetar almas (a começar pelas nossas).

Como é preciso cuidado para chegar e pisar no território do outro, que é sagrado, e com uma história já tão consolidada, mais que falar, exercitei a escuta.

Conversamos sobre a história da cooperativa, sobre Carolina de Jesus e sobre poesia. Uma parada para uma deliciosa feijoada e uma boa prosa, em roda, no quintal da sede.

Dali, a corroboração de um convite, para o acompanhamento de um livro sobre a história do local, da sua fundação aos dias atuais. Um livro, como os escritos diários e relatos de Hada. Uma preciosidade para guardar e resguardar a memória e a simbologia do local para todos os envolvidos em sua história.

³¹ Texto disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2017/04/24/carolina-de-jesus-e-literatura-sim> Acesso em novembro de 20223.

Não à toa, Carolina de Jesus ser uma de suas principais referências e inspiração na retomada de projetos socioambientais, uma parceria que envolve catadoras, catadores, educadora, artistas plásticos e toda uma rede de apoio, inclusive institucional.

No fim de maio, dia 31, Carolina(s): um mundo de papéis percorre literal e simbolicamente a estrada, rumo à UFF – Rio das Ostras. Um convite feito pela minha orientadora, Rôssi Alves, antes mesmo da existência do projeto, à época da minha aula “Carolina: corpo e voz no mundo”, no estágio docência.

Dessa vez, a viagem foi feita em dupla, com o parceiro de projeto Elbert Agostinho (idealizador do Observatório Carioca de HQ’s). Foram dois, os momentos de partilhas, com turmas da Produção Cultural: de manhã, após sermos recebidos com um delicioso café da manhã, estivemos com estudantes do primeiro período, da disciplina de “Estudos de Literatura” e, à tarde, com uma turma de veteranos, igualmente receptivos, da disciplina “Oficina Literária”.

Duas experiências maravilhosas, e com as quais pudemos dividir um pouco sobre nossos trabalhos e pesquisas individuais, assim como se dão as nossas parcerias e amizade, desde que nos conhecemos no Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira (PENESB – UFF), em 2015. Acredito, que só existe a parceria pedagógica, porque ela é fruto de trocas construídas ao longo da nossa amizade e partilhas de vários saberes e encontros.

Dividirmos e multiplicarmos nossas Escrevivências com outras pessoas e colaborarmos para que elas externalizem as suas, têm sido movimentos agregadores. Foi assim em Rio das Ostras, onde partilhamos livros, conceitos, slides, referências e também ouvimos os estudantes a partir da pergunta-provocação: “quem você colocaria em seu livro?”. Um exercício de oralidade e de escrita, um texto com propósito, através do qual percebemos que diversos sentimentos puderam ser revisitados e ressignificados pelo poder da escrita.

As produções e suas respectivas leituras em voz alta fecharam as atividades, deixando-nos a satisfação e a emoção pela realização da atividade. Deixamos um pouco de nós, inclusive a doação do livro Quarto de Despejo, para um dos alunos participantes e trouxemos em nossas memórias as lembranças de um dia farto e fértil

No dia 29 de junho, foi a vez de subir a serra e levar Carolina de Jesus e Conceição Evaristo a Teresópolis. Uma parceria entre o SESC local, o Observatório Carioca de HQ’s e o Centro Educacional Helena Tavares, como parte do projeto Consciências: tempo de esperar.

O projeto que abrange as unidades do SESC

tem por objetivo promover a discussão e a reflexão acerca das temáticas e problemáticas relacionadas à questão de raça e o racismo estrutural brasileiro. O projeto se organiza por meio de programações educativas contínuas, tendo por base as ciências humanas e sociais. Em articulação com territórios, sujeitos, instituições, busca-se implementar uma programação sistemática e distribuída pelas unidades do SESC-RJ, locais externos e parceiros, promovendo a educação antirracista em consonância à Lei Federal 10.639/03. O projeto é realizado em formato multilinguagem, com realizações de cursos,

oficinas, rodas de conversa, tour/passeio, apresentações, exposições etc. Direcionado ao público em geral, envolve diferentes atores sociais em um amplo debate sobre o racismo e sua urgente superação. (SESC, 2022)

Confiantes de que a proposta do SESC ia ao encontro de nossas motivações, perspectivas, parcerias e pesquisas individuais, propusemos atividades que envolvem o conceito de que a “Negritude é um poder” (Agostinho, 2021) e, coerentes com essa perspectiva, trabalhamos em dois momentos (manhã e tarde), com alunos de turmas do Ensino Fundamental, personagens e personalidades negras, a partir da mescla entre super-heróis e super-heroínas (pesquisados pelo Observatório Carioca de HQ’s) e a apresentação das escritoras Carolina de Jesus e Conceição Evaristo, estas também vistas como “heroínas”, a partir do entendimento de que a escrita é um poder, quando ela vem de corpos e vozes negras subalternizados e violentados pelo racismo e limitados a estereótipos. Desprender-se dele ou insistir em produzir “apesar” deles, em nossa concepção e estudo, entendemos como “uma força motriz”³²

Para os alunos do Ensino Fundamental, nossas “heroínas” reais foram apresentadas de modo lúdico, através da linguagem dos quadrinhos e dos livros biográficos ilustrados, da Editora Mostarda.

Como professores atuantes no “chão da escola” e também, pesquisadores, entendemos que nossos trabalhos, pesquisas e atividades propostas não só podem, como devem atingir diferentes interlocutores, de modos distintos, respeitando contextos, faixas etárias, recursos disponibilizados e as nossas próprias capacidades de diversificação e escolhas metodológicas.

Contação de histórias, perguntas, brincadeiras, distribuição de brindes, além de uma mesa com livros, HQ’s, bonecos, são estratégias para trabalharmos, não só com as crianças, a ludicidade, que é um dos principais valores afro-civilizatórios, e que também nos servem como base de estudos e atuações, nos diversos territórios que percorremos.

Nesse universo lúdico, no qual evocamos também as nossas crianças “interiores”, que muitas vezes podem ter sido oprimidas e silenciadas por uma Educação considerada mais “tradicional” ou mesmo racista, de alguma maneira podemos transmitir a outras crianças e adolescentes a importância de termos acesso a outras formas de aprendizagem e o direito à leitura e à escrita de histórias que sejam as nossas ou parecidas com elas, reiterando a importância de representação e da representatividade, na prática.

Assim, conscientes da importância de uma educação antirracista, deixamos a serra, mas não o “esperançar” freiriano de que:

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar, porque tem gente que tem esperança, do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperança é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir. Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo. (Freire, xxx)

³² Alusão ao poema de Conceição Evaristo

Na estrada,
o sol desponta...
e ela, ainda com sono
e meio tonta,
pensa no dia,
que se inicia,
e nas oportunidades
que encontra...
Pela estrada de papéis,
com “Carolina e Conceição”,
mais uma viagem,
literal e simbólica
a leva pra escrever
novas histórias.
Com mais uma parceria
entre a História,
a Literatura e as Artes,
cria novas memórias.
Pisa o “chão”
de mais uma escola
se emociona,
agradece pelas novas partilhas
e “feedbacks”
Na volta pra casa,
uma “bagagem” mais cheia
e a alma, mais esperançosa e leve.

(Ionara Oliveira, 30/06/2023)

No dia 5 de outubro, fizemos mais uma edição do nosso curso, no formato online, para um grupo composto por professoras, estudantes universitários e pessoas interessadas na Literatura de Carolina e em nossa proposta pedagógica antirracista.

Nas redes um convite ao mergulho à poética da menina Bitita:

Em meio ao caos,
que nos atenta,
paramos para estudar.
Nosso curso está chegando,
não podemos vacilar.
A homenageada,
uma rainha,
que entre letras
criou um mundo.
“Senhoras e senhores”,
apresentamos Bitita,
que nos conduziu sorrindo,
alcançou nossos afetos
e crianças.
No “chão” da escola
e nas universidades,
virou capítulo de livro,
que hoje “venta”,
pelas cidades.
Com muita honra,
falamos de Carolina
e apresentamos, a vocês,
o nosso trabalho.
Um movimento de imersão particular,
que vai banhar todos e todas,
até aqueles que não sabem nadar...

(Elbert Agostinho, postagem colaborativa)

Sobre essa terceira edição, ressalto dois aspectos que considero relevantes para a defesa da literatura, da valorização do compartilhamento de saberes e da importância da força do coletivo.

Algumas das pessoas que vêm participando das diferentes edições do curso são integrantes do Literalmente Elas, das mais antigas às mais recentes, assim como conto, também, com a presença de ex-alunas e alunos meus, da Educação Pública que não necessariamente pertencem aos coletivos. O que me leva a crer que os conhecimentos adquiridos, divididos e multiplicados vão reverberar em outros territórios e, conseqüentemente, para outras pessoas.

Tais aspectos reiteram o conceito de aquilombamento, bem como a democratização dos saberes. Dos três cursos, dois tiveram a cobrança de um valor simbólico, com direito a uma ou duas “bolsas”, além de disponibilidade do material utilizado (textos e slides) e o certificado³³ constando as respectivas participações e horas.

Até hoje, mantemos um grupo no WhatsApp, no qual trocamos ideias, textos, referências bibliográficas e divulgamos cursos, eventos e material relacionado às discussões levantadas no curso.

Nessa terceira edição, além das referências bibliográficas utilizadas nas outras, apresentamos o nosso artigo homônimo ao curso, que está na coletânea “Memórias e Práticas Pedagógicas Antirracistas: desafios, possibilidades e avanços. Sobre o livro e o respectivo artigo, explicarei adiante.

No dia 13 de julho de 2023, com o convite e parceria da companheira de coletivo, Carla Pepe³⁴, realizamos a oficina “Carolina Maria de Jesus & Lélia Gonzalez: corpos e vozes no mundo. Entre estereótipos e resistência, o poder da literatura de mulheres negras”

³³ Emitido pelo Observatório Carioca de HQ's.

³⁴ Carla Cristina Coelho Augusto Pepe- historiadora, mestre em saúde pública, tecnóloga da Coordenação de Saúde do Trabalhador, órgão ligado à Coordenação de Gestão de Pessoas, da Fundação Oswaldo Cruz. Atua como coordenadora do Núcleo de Atenção Integral à Aposentadoria, é coordenadora há seis anos do exitoso Programa de Preparação para Aposentadoria. Elaborou Diretrizes de Promoção da Saúde do Trabalhador, na perspectiva da transversalidade e organiza atividades e oficinas com mulheres trabalhadoras. Além disso, tem organizado oficinas literárias na instituição, no sentido de unir literatura e saúde.

Em ocasião do Julho das Pretas³⁵, o Coletivo Mulheres em Roda³⁶ proporcionou um bate-papo aos profissionais de saúde, da Central de Saúde do Trabalhador (CST), da Fiocruz. A proposta do evento foi dialogarmos sobre como os corpos e vozes de mulheres negras, na literatura (e não apenas nela), são/foram atravessados por estereótipos, que têm como principal motivo o racismo e, no Brasil, como o mito da democracia racial corrobora para a sua “perpetuação”, no imaginário das pessoas, e de que formas podemos destruir algumas dessas ideias, não só na ficção, mas na vida em sociedade.

Como metodologia, utilizamos a arte e o lúdico presentes na poesia, na literatura, na produção textual e no estar em roda com trabalhadoras e trabalhadores. Depois da conversa, uma oficina de escrita com a pergunta “clássica”: “Quem você colocaria no seu livro?”, uma alusão à fala de Carolina de Jesus, no livro *Um Quarto de Despejo*. No livro, a fala soava como uma ameaça às pessoas que, de alguma maneira, provocavam ou incomodavam a autora. A diferença entre o livro e a prática utilizada na oficina, bem como em outros encontros, é que nestes, os participantes podem apresentar as pessoas escolhidas, positiva ou negativamente.

A seguir, um relato enviado pela Carla Pepe:

“Encruzilhadas são intersecções de estrada. Para mim, são portais que nos propiciam encontros inusitados, poderosos, mágicos, e na maioria das vezes, repletos de sentidos. Quando saúde, trabalho, literatura, mulher e raça se juntam numa encruzilhada fantástica, a magia acontece. E foi nessa encruzilhada construída por nós, hoje, que foi possível trazer à tona e compartilhar memórias, limites, desafios e possibilidades. Um café, um bolo, escritoras negras, pensamentos e muitos caminhos.

Hoje, Ionara Oliveira e eu fomos guardiãs da Encruzilhada, apontando luzeiros: Lélia Gonzales, Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, com elas e seus livros, foi como abrir um portal multidimensional e fazer a intersecção entre literatura, saúde, trabalho, corpos e vozes de mulheres negras. O encontro foi fértil, rico, emocionante, farto. Na filosofia da encruzilhada realizada, demos um salto no tempo entre o passado, o presente e o futuro. O tempo nos escapou pelos dedos e pareceu tão pouco. Foram muitos territórios, afetos e sentidos.

Foi uma tarde de afago, na subjetividade de quem cuida dos trabalhadores e trabalhadoras da Fiocruz e que lutam por uma saúde pública, de qualidade e universal. Há muito a reverberar, muitos caminhos novos a entrecruzar e uma coisa é certa: em boa companhia, fica mais fácil seguir.

³⁵ O Julho das Pretas é uma ação criada em 2013 pelo Odara – Instituto da Mulher Negra pela superação da desigualdade de gênero e raça, colocando a luta das mulheres negras como centro do debate. Em 25 de julho se comemora o Dia de Tereza de Benguela e da Mulher Negra: a data que celebra a líder que comandou o quilombo de Quariterê, no século 18, é o ponto alto do calendário do “Julho das Pretas”, agenda coletiva que traz atividades voltadas para “o fortalecimento da ação política coletiva e autônoma das mulheres negras nas diversas esferas da sociedade”. (Geledés, 2022)

³⁶ O Coletivo Mulheres em Roda trata-se de uma iniciativa livre de algumas trabalhadoras da CST, que passaram a se reunir sistematicamente, desde 2022, no horário do almoço, para ler, compreendendo o caráter emancipatório da leitura coletiva entre mulheres.

Que venham mais oficinas, mais encontros, mais rodas, mais leituras. Que a Oficina “Carolina Maria de Jesus & Lélia Gonzalez: corpos e vozes no mundo, entre estereótipos e resistência, o poder da literatura de mulheres negras”, com a coordenação de Ionara Oliveira e Carla Pepe, realizada no dia 13-07-2023, na Coordenação de Saúde do Trabalhador, Fiocruz, seja apenas a primeira das muitas que virão, promovendo espaços emancipatórios, onde saberes e histórias são compartilhados.”

3.3 – “Carolina, nós vamos colocar você em nosso livro...”

E eis que, em fins de março, um convite feito pelo amigo e educador da Rede Municipal de Ensino de Duque de Caxias – RJ, Wagner Mattos, para a participação na coletânea: Memórias e Práticas Pedagógicas Antirracistas: desafios, possibilidades e avanços, juntamente com outros educadores do Grupo de Trabalho ALDEIA (Ancestralidade – Luta – Diversidade – Educação – Indígena – África) e de outras redes municipais e estaduais, nos surpreendeu.

Dos quatro organizadores do livro, três compõem o Grupo de Trabalho e o Wagner Mattos é um deles. O GT tem como gênese um curso de formação continuada oferecida de forma remota, em 2020, durante a pandemia da Covid-19, pela SME/DC. Um curso de extensão em Diversidade Étnico-Racial no Cotidiano Escolar: a implementação das leis 10.6739/03 e 11.645/08, oferecido pelo Centro de Pesquisa e Formação Continuada Paulo Freire (CPFPPF), da SME, em parceria com a UERJ, de julho a outubro de 2020.

Quando o curso acabou, parte dos educadores, diante das necessidades percebidas em seus diferentes espaços de atuação e com relatos sobre racismo, cada vez mais presentes nas mídias, decidiu continuar com os encontros mensais, no fim de 2020 e em 2021, ainda de forma remota.

Então, foi criado um grupo de estudos independentes, com a proposta de leituras coletivas. Em 2022, com a necessidade de ampliar as ações, foi criado o GT ALDEIA, como planejamento de encontros presenciais e online, os presenciais, em territórios que de alguma forma dialogam com as temáticas e pedagogias antirracistas, como: O Percorso Pequena África, do Instituto dos Pretos Novos (IPN), o Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB), a exposição Carolina Maria de Jesus, no Parque Madureira etc.

Com objetivos comuns de aprender, partilhar experiências, reunir estratégias e buscar um fortalecimento para não só o reconhecimento das leis, mas as suas aplicações, no “chão” das escolas, e a consequente descolonização do currículo, o ALDEIA chega como um território de aquilombamento e de democratização de saberes, pois suas ações não se limitam ao grupo, mas agregam outras pessoas, igualmente comprometidas com as causas que defendem.

Quando recebi o convite para participar do livro, ainda não conhecia o grupo, nem o seu histórico, o que só aconteceu depois da aceitação e com as conversas mais frequentes, entre os organizadores e futuros coautores, através da criação de um grupo

no whatsapp. Além da afinidade e confiança no trabalho do Wagner Mattos, os fatos de eu já ter um projeto em parceria, em andamento, e acreditar na sua relevância para a minha pesquisa, foram fatores decisivos.

Conhecer a essência do coletivo, a partir de conversas com uma das suas integrantes e também organizadora do livro, Jane Rose Silva Souza, que socializou comigo um material escrito por ela e por Ana Patrícia Botelho G. de Carvalho, sobre o grupo, só ratificou a minha percepção e fez com que eu me sentisse ainda mais motivada e comprometida com os educadores e colegas participantes do projeto.

Assim, a partir do projeto e curso Carolina(s): um mundo de papéis, Elbert Agostinho e eu escrevemos um artigo homônimo e colocamos Carolina em “nosso” livro.

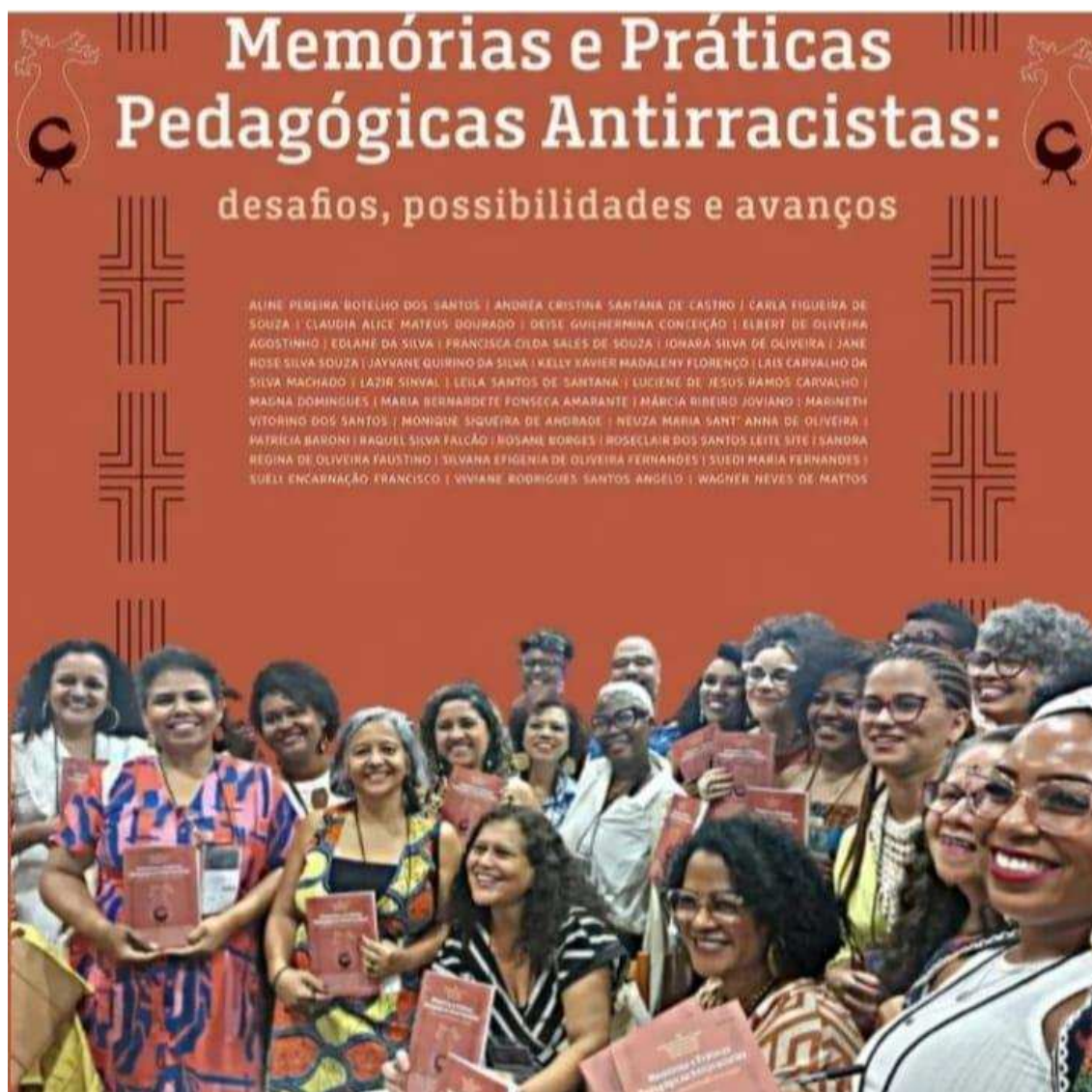
Com os custos divididos, entre os componentes do Quilombo ALDEIA e seus convidados, o lançamento foi na Bienal do Livro 2023, no dia 2 de setembro. No estande da editora quebramos o protocolo e cantamos para nossos ancestrais ao som de um jongo.

Figura 46 – Lançamento do livro durante a Bienal do Livro 2023



Fonte: Acervo do Coletivo, 2023.

Figura 47– Registro dos autores durante o lançamento do livro



Fonte: Acervo do Coletivo, 2023.

O segundo lançamento, ocorreu no Dida Bar, na Praça da Bandeira (Rio de Janeiro), um restaurante que tem um perfil diferenciado, porque agrega o Mercado Casarão, um espaço com livraria, loja de roupas afro, serviços de beleza e terapia corporal, aulas e oficinas de dança, capoeira e é um local onde diversos eventos artísticos acontece

A proposta foi dialogar com os leitores, a partir de múltiplas linguagens e referências, algumas das quais trabalhadas como base metodológica das edições do

curso-oficina online, principalmente no tocante aos estereótipos da mulher negra, estudados por Lélia Gonzales. Suas identificações, na persona de Carolina Maria de Jesus, e como a escritora e protagonista de suas próprias histórias, entendendo-as como Escrivências, bem como a necessidade premente de mais que desconstruir, “destruir” tais estereótipos, que são associados a corpos e vozes negras, invisibilizando-os ou limitando-os a papéis inaceitáveis dentro de uma perspectiva antirracista.

Existem muitas formas de compor estudos sobre personagens e, quando a personagem é real e proroga a sua existência para além do findar da vida, seus ecos podem ser um caminho para o desenvolvimento de propostas educativas.

Carolina Maria de Jesus é um multiverso, antes de os super-heróis e de as super-heroínas começarem a transitar entre mundos alternativos. Estas são algumas das questões que costuram nossas análises e parceria pedagógica, que apresentam retalhos do projeto político-pedagógico-poético "Lendo Mulheres Negras", um movimento para escolas dos ensinos fundamental e médio e outros territórios de saberes e cultura.

O trabalho apresenta ecos de uma experiência imersiva, que denominamos poeticamente de "Carolina(s): um mundo de papéis." Nele, nos aventuramos por múltiplas leituras, de Bitita à Carolina, e navegamos por corpos e vozes, evocando identidades e / ou existências

Em nosso repertório particular, pedaços de papéis, livros, músicas, histórias em quadrinhos e outras referências nos dão suporte teórico e inspiração para que possamos dialogar e propor outros olhares e perspectivas capazes de (nos) sensibilizar em relação à grande intelectual e artista, para além dos estereótipos aos quais foi submetida, sobre os quais falaremos no desenvolvimento do trabalho e que, certamente, corroboraram para a sua "invisibilidade" e tentativa de apagamento.

A partir de nossas leituras e compreensão, evidenciamos na trajetória de Carolina de Jesus algumas questões abordadas pela escritora nigeriana Chimamanda Adichie, quando nos fala e escreve sobre "O perigo de uma história única" (2019). A proposta, talvez um tanto quanto ambiciosa aos olhares mais incrédulos, é a de não só valorizar a interlocução com professores e estudantes (e dessas "pontas" entre si), mas partilhar conhecimentos com leitores em geral e, num trabalho de mediação, estimular os conhecimentos da biografia da autora (através dos seus relatos diários) e, também, o de sua produção menos divulgada, como os poemas, as composições musicais etc.

Diante de um contexto no qual a mulher negra e a escrita se manifestam de modos singulares, enunciamos: "Carolina, nós vamos colocar você em nosso livro." (AGOSTINHO e OLIVEIRA, 2023, p. 169)

Com o meu primeiro registro acadêmico, publicado num livro, o projeto ganha fôlego para seguir em 2024, por outros territórios. E, a despeito de estar em parceria, como foi na escrita, nos encontros online e em alguns presenciais, ou sozinha, não me sentirei só. A força do coletivo, que me compõe, impulsiona e faz com que eu defenda a ideia de aquilombamento, estará comigo. Agradeço, às pessoas que compartilham da crença e que a literatura é um direito. Aos que dividiram conhecimentos acadêmicos ou não sobre a literatura de mulheres, em especial à de autoria negra e que fazem com que, hoje, um dos meus compromissos em espaços distintos seja o de dividir, multiplicar e partilhar com leitoras e leitores a magia que é ler através de outros mundos, vivências e escrituras, nossas próprias vidas.

Que possamos seguir com Carolina(s): um mundo de papéis, pelo tempo que o nosso desejo de aprender e trocar permitir. Como disse Elisa Lucinda: “Carolina está viva e grita aqui!”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como proposta apresentar o Coletivo Literalmente Elas e sua importância cultural, não apenas como um clube de leitura, mas como um grupo que dialoga e influencia a formação de outros.

Aqui, utilizo uma das metáforas recorrentes em nossas conversas cotidianas: a imagem de um rio e seus afluentes. Dessa forma, o Literalmente é um ponto de partida, para que possamos perceber esses grupos como territórios e espaços de aquilombamento, associando-os à ideia e ao conceito defendido pela escritora Conceição Evaristo, autora presente em meu trabalho, do início ao fim.

É dela também o conceito de Escrevivências, que é apresentado ao falarmos das autoras que escolhermos ler. Uma escolha política, que além de eleger um gênero, propõe interseccionalidades com abordagens étnico-raciais e de classe.

Como “escrevientes”, podemos compreender as autoras negras lidas, como também as leitoras que têm o interesse despertado por contarem suas histórias, porque se sentem representadas e estimuladas a essa prática, o que nos confere o exercício da oralidade (valor civilizatório ancestral) e os direitos à leitura e à escrita, para além dos cânones.

Um breve relato sobre o bairro de Campo Grande (zona oeste, Rio) é apresentado, a fim de localizar historicamente a região onde começa a história do coletivo. Marcar o lugar é de suma importância, para que se entenda a história e os percursos feitos, até então.

Embora o coletivo seja formado por integrantes advindas de diferentes regiões, o que é considerado altamente positivo por nós, conhecer a origem e partes das especificidades locais, diz muito sobre as causas abraçadas e defendidas pelas mulheres que o compõem.

Enfatizamos a questão do gênero, porque todos os grupos são formados por mulheres que leem mulheres e, também, a questão racial, uma vez que a prioridade é a leitura de autoras negras. São seus trabalhos teóricos, literários, assim como, suas próprias biografias, inspirações para que pensemos sobre o protagonismo feminino e suas dimensões.

Uma espécie de chamado à compreensão e ao exercício da nossa intelectualidade, em todos os espaços, pelos quais transitamos, e não apenas na academia.

São coletivos feministas e antirracistas, que integram mulheres negras e não negras. Espaços de resistência cultural e política, cujas ações, mobilizações e atividades externas alcançam as pessoas, independente de gêneros, raça e classe, porque acessamos diferentes perfis da população.

Os grupos são formados por mulheres de idades, profissões e ocupações diversificadas, o que contribui para os enriquecimentos das trocas. O uso de conversas e relatos como uma das metodologias, passando pela apresentação, percursos, e formas de atuação dos coletivos pesquisados, até a escolha de autoras estudadas e lidas, nos diversos encontros e de que maneiras o conhecimento adquirido pode reverberar em outros territórios, através dos registros de atividades já realizadas, em parcerias, para além dos grupos, promovendo o que acreditamos ser alguns dos pilares da vida: o direito à literatura, a democratização dos saberes e os encontros com formas distintas de se pensar e entender o mundo, a partir de perspectivas que respeitem os direitos humanos, a individualidade, as subjetividades e a força coletiva, que nos impulsionam à criação e ao diálogo, ferramentas que movem o mundo.

Importante dizer, que não ignoramos os tensionamentos, as divergências de opiniões e as constantes transformações, pelas quais os coletivos passam. Mulheres entram, saem, reintegram-se e, até mesmo, encerram seus ciclos, assim como os próprios grupos. Assim ocorreu com o “Aprendendo a transgredir”, que após um ciclo valioso de leituras da autora bell hooks. Já o Ocaia, por demandas pessoais e acadêmicas das suas idealizadoras, está temporariamente inativo. Por demandas igualmente pessoais e acadêmicas, os grupos de “Estudos Coletivos” e o de extensão “Corpos Femininos” fundiram-se, alinharam suas propostas e já apresentaram um calendário com as atividades do primeiro semestre de 2024.

Somo mulheres, cíclicas e múltiplas: mães, filhas, trabalhadoras, estudantes etc. É preciso que nos respeitemos e tenhamos nos coletivos espaços de afeto, de acolhimento e de solidariedade. Se desejamos um mundo mais plural, democrático e sensível, que comece por nós mesmas.

Podemos pensar o quilombo como um espaço de vivência marcado pelo enfrentamento, pela audácia de contradizer, pelo risco de contraviver o sistema. São espaços que não ignoram o conflito (o que gera mudanças), mas que por essência são agregadores, incentivam a realização de sonhos e carregam o sentimento utópico de uma sociedade antirracista, antissexista, mais justa e equânime.

E “para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar” (GALEANO, 1993).

JUNTAS, SOMOS MAIS! Trago, em mim, vozes das minhas interlocutoras, das mais novas, mais velhas, das companheiras de coletivos e das ancestrais.

Figura 48 – Um encontro de gerações: nossas leitoras Fridinha (filha da idealizadora do Literalmente Elas, Dani Linhares, e Elni de Oliveira, mãe da pesquisadora e integrante, Ionara Oliveira)



Fonte: Acervo do Coletivo, 2023.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Ngozi Chimamanda. **O perigo de uma História única**. Tradução: Julia Romeu. 1ª ed. 2019. Companhia das Letras. p. 64.

AGOSTINHO, Elbert. **Negritude, Poderes e Heroísmo: estudos sobre representações e imaginários nas histórias em quadrinhos**. Conexão 7. Rio de Janeiro, 2021.

BAROSSO, L.. (Po)éticas da Escrivivência. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 51, p. 22–40, maio 2017.

BRASIL. **LEI Nº 10.639**, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm (Acessado em jan. de 2021).

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.

CARVALHO, Ana Patrícia Botelho Grossi de. SOUZA, Jane Rose Silva. **O Impacto da construção do Grupo de Estudos Diversidades Étnico- Raciais (ALDEIA) nas práticas pedagógicas nos espaços escolares**. Seminário de Educação de Duque de Caxias 2023. Diálogos docentes: interlocuções com o(s) Currículo(s).

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Pulo do Gato, 2011. 103 p.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**, tomo 1. Petrópolis: vozes, 1998.

ENNE, Ana Lucia; OLIVEIRA, Ohana Boy. **Lugares de fala e fazimentos utópicos**. Cultura é território, p. 44.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência serve também para as pessoas pensarem**. Itaú Social. São Paulo, novembro, 2020. Disponível em <<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>>. (Acessado em jan. de 2021)

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, p. 132-142, 2010.v

FAUSTINO, Sandra Regina de Oliveira; MATTOS, Wagner Neves de; SOUZA, Carla Figueira de ; SOUZA, Jane Rose Silva. (orgs.) **Memórias e Práticas Pedagógicas Antirracistas: desafios, possibilidades e avanços**. Rio de Janeiro: Autografia, 2023.

GALEANO, Eduardo H. **Las palabras andantes**. Siglo XXI, 1993.

GONÇALVES, Juliana. Narrativas de liberdade: o grito insurgente de mulheres negras. In: SANTANA, Bianca. (org.) **Vozes insurgentes de mulheres negras**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2019.

GONZALES, Lélia. Racismo e Sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia. (Org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista de Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HOOKS, Bell et al. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. **Intelectuais Negras**. Revista Estudos feministas. Nº2/95. vol.3. 1995.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

LOPES, Nei. **Novo dicionário banto do Brasil: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss**. Pallas Editora, 2003.

LOUZADA, Daniel. **Livros para todos: A construção de um país de leitores**. Nova Fronteira, 2021.

MANSUR, André Luís. **O velho Oeste Carioca: História da Ocupação da Zona Oeste do Rio de Janeiro (De Deodoro a Sepetiba) do século XVI aos dias atuais**. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2008.

MANZI, Maya; ANJOS, Maria Edna dos Santos Coroa dos. O corpo, a casa e a cidade: territorialidades de mulheres negras no Brasil. **Revista brasileira de estudos urbanos e regionais**, v. 23, 2021.

MIRANDA, Júlia. **Ouvindo umas verdades com bell hooks: o feminismo é para todos**. Entrevista a Rosane Borges. São Paulo. Elefante Editora, jan/2021. Disponível em: <https://elefanteeditora.com.br/ouvindo-umas-verdades-com-bell-hooks-o-feminismo-e-para-todos/>.

MOLINA, Lívia Menezes da Costa. **Maria Firmina dos Reis, 150 anos de pura ousadia**. Literafro (UFMG). Belo Horizonte, 07 de julho de 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/320-maria-firmina-dos-reis-150-anos-de-pura-ousadia-critica>. (Acesso em setembro de 2021).

NASCIMENTO, R. do. COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Pós - Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 7, 2020

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2019.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Org.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018

SCARAMUSSA, Taiga Bertolani ; DALVI, Maria Amélia ; DALVI, Maria Amélia . **O projeto Leia Mulheres como espaço de fortalecimento da leitura literária**. In: XV Congresso Internacional da Abralic, 2017, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos do XV

Congresso Internacional da Abralic. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2017. v. 1. p. 265-273.

SILVA, Gisele Rose da. **Azoilda Loretto Trindade: o baobá dos valores civilizatórios afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2021.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. (Orgs.) **Conversa como Metodologia de Pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayu, 2018.

ROSE, Gisele. **AZOILDA LORETTO DA TRINDADE: O BAOBÁ DOS VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS**, CEFET RJ, Dissertação, 2020

SANTANA, Bianca. **Vozes insurgentes de mulheres negras**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2019.

43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Virtual (1 a 10 -12-20). Portal Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/eventos1/congresso-nacional/2020> Acesso em 15-12-22